



REFERENDO NA ESCÓCIA 12

O povo escocês poderá finalmente pronunciar-se sobre a sua independência em setembro de 2014. O Reino Unido marcou o prazo, para evitar o ascenso da posiçõs soberanistas, e impom a Edimburgo acordar as perguntas.

CRISE E ARTESANATO 14

A situaçom econõmica está a ser um ponto de inflexom para a criatividade. Cada vez mais moças e moços procuram tirar algum valor econõmico das suas afeiçõs, recuperando no caminho oficios tradicionais.

“Governo e instituições políticas continuam a nos ver como periferia”



MÓNICA CAMAÑO
atriz e ativista do sector cultural
Pág. 6

NÚMERO 125 | 15 DE ABRIL A 15 DE MAIO DE 2013 | 2 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

Sectores do PP filtrárom as imagens de Feijóo e Dorado

Xesús Palmou, com a colaboraçom do juiz Vázquez Taín, procuraria frustrar as aspiraçõs polítics do presidente da Junta e danar o sector ligado ao Opus Dei

A recente publicaçom dumhas fotografias que relacionam ao presidente da Junta com o narcocontrabandista Marcial Dorado agita nas últimas semanas a atualidade da política institucional. Segundo puido saber NOVAS DA GALIZA, a origem da filtraçom estaria em seitores do Partido Popular em Ourense, com um protagonismo especial do ex-conselheiro durante o governo Fraga Xesús Palmou. O juiz José Antonio Vázquez Taín

fazia tamém parte da manobra de descrédito contra Núñez Feijóo, com a que ao mesmo tempo se pretende desgastar ao presidente do governo espanhol Mariano Rajoy. De feito, a facçom que filtrou as instantáneas estaria, segundo as fontes consultadas, em posesom de imagens do próprio Rajoy em companhia doutro ex-capo do tráfico de tabaco. Mais um capítulo da estreita relaçom entre o as máfias e o PPdeG. / PÁGS. 8 e 9



As ‘zonas de sombra’ da Justiça

Os muros da prisom ocultam muitos castigos e vexames quotidianos além da mesma privaçom de liberdade / PÁG. 19

DENÚNCIAS DE FALSIDADE NAS CONTAS

Pescanova naufraga em dívidas milionárias

A multinacional Pescanova, insignia do empresariado galego por décadas, vêm de solicitar o concurso de credores. Em poucos dias, a empresa passava dumha imagem de solvência nom questão a reconhecer umha dívida de entre 1.500 e 3.000 milhõs de euros. Mentres as acusaçõs voam entre membros do conse-

lho de administraçom, o fato é que a Pescanova despediu a sua auditoria de referência. Mas ninguém dá explicaçõs razoáveis a que as cifras de exportaçõs tenham sido falseadas de jeito recorrente. A Pescanova recebeu desde há dez anos mais de cem milhõs de euros em subvençõs da Junta da Galiza. / PÁGS. 16 e 17



SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

ARQUEOLOGIA E SOCIEDADE CIVIL

Entrevista a Manuel Gago, jornalista, divulgador e arqueólogo amador, ao redor da defesa e posta em valor do patrimõnio

O ENTERRADOR E OS SEUS MORTOS

Publicamos o primeiro relato premiado no certame promovido por NOVAS DA GALIZA e Ediciõs Positivas, escrito por Xabier Vieiro

OPINIOM

UM FRACASSO SIONISTA por Elvira Souto / 3

A VIOLÊNCIA DE GÉNERO TAMBÉM É NOSSA por Teresa Moure / 3

INDEPENDÊNCIA? por Xurxo Borrazás / 28

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tés algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algunha inquietação ou mesmo algunha opinión sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderán exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA

GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçõs, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

GAS "PENOSA": SE NOM TÉS QUARTOS "APAGA Y VÁMONOS"

Estám-no-lo a pôr muito negro. O poder cada dia precisa mais espaço para os seus negócios e nesse avance leva por diante conquistas sociais alcançadas trás muitos anos de luta: emprego estável, protecção social, sanidade, educaçom...

Cousas tam básicas como aceder a umha vivenda, levar unha alimentaçom variada e saudável, dispor de água corrente..., quer dizer, elementos quotidianos e necessários para viver com um mínimo de dignidade estám a ser submetidos à lógica depredadora da especulaçom dos mercados de capitais, encarecendo-se de dia a dia.

A insuficiencia de recursos fai que nos sintamos rodeados pola obscuridade, umha obscuridade da que se lucram os mesmos de sempre. Mas quando falamos de falta de luz nom estamos a usar nenhuma figura retórica, senom que estamos a descrever a crua realidade de muitas famílias e pessoas que sofrem:

As dificuldades para pagarem com regularidade os recibos da luz,

que em muitos casos nom se correspondem com o consumo real ao nom terem as empresas adjudicatárias a obriga de ler o contador todos os meses para emitir as faturas.

Os obstáculos que companhias coma Fenosa ponhem para negociar o pagamento do devido, em casos em que por exemplo os ingressos venhem de ajudas sociais como a Risga, de Pensons Nom Contributivas ou de subsídios por desemprego, quer dizer, casos nos que tenhem que viver com menos de 500 euros ao mês e pagar recibos que às vezes supõem unha quarta parte dos seus ingressos.

A violència dum corte de luz e os impedimentos para volver a tê-la. Para recuperar a luz tes que pagar o enganche e o importe devido, com pouco margem para alongar os prazos de pagamento.

A impossibilidade de manter as suas vivendas na temperatura mínima ajeitada, as limitaçõs a que se chega mesmo para atender a higiene mais básica ou até para aquecer a comida.

E todo isto coa 3ª electricidade mais cara de Europa, com umha subida do preço da electricidade desde 2006 do 70% e com uns be-

neficios em 2012 para Gas Natural Fenosa, empresa com maior cota de mercado na Galiza, de 1441 milhõs de euros. Às práticas desta transnacional que conhecemos nos nossos bairros, temos que adicionar o saqueio de recursos naturais em países da América Latina, as violaçõs de direitos humanos, os problemas de subministraçom que padecem amplas populaçõs, etc.

Por todo isto exigimos:

Que a subministraçom eléctrica

ca seja reconhecida como um direito básico para garantir umha vida digna e que, por conseguinte, esteja em maos da populaçom e nom privatizada em beneficio dos grandes capitais.

Que nom se corte a subministraçom naquelas vivendas que nom podam assumir os pagamentos por falta de recursos.

Que se apliquem tarifas justas e de acordo aos ingressos da vivenda.

ODS de Coia (Vigo)



EDITORIAL

Um barco para remarmos juntas

Com certeza, a situaçom de emergência nacional e social por que transita o nosso povo nom é desconhecida para qualquer pessoa observadora da realidade: a depauperaçom cada vez mais acentuada no económico, o roubo descarado dos aforros, a desintegraçom dos setores produtivos, o desmantelamento da sanidade e ensino públicos, o espólio dos nossos recursos naturais, a degradaçom ambiental crescente, a sangria migratória ou a perda dos

nossos sinais de identidade coletivos; som só algunhas das consequências da nossa dependência nem só do Estado espanhol, mas também dum conjunto de poderes políticos e económicos cujos centros de decisom ficam cada dia mais afastados de nós e que ao grosso das galegas e galegos mesmo nos custa identificar.

No campo nacionalista produzírom-se, nos últimos meses, certas mudançãs de rumo cara posiçõs mais rupturistas com Espa-

nha e com o modo de produçom que padecemos: o capitalismo na sua vertente mais neoliberal. Se bem o nacionalismo galego nom deixou de ser um movimento atomizado –constatando-se de facto umha tendência que aponta a umha maior divisom no político-, o discurso da soberania e mesmo da absoluta independência a respeito de Espanha ganhou um certo terreno, apesar de nom chegarem de longe à centralidade que ocupa noutras latitudes do Estado.

Porém, os limites da política no sentido mais restrito do termo nom fõrom ainda ultrapassados: as galegas e os galegos ficamos ainda orfos dum teito comum. Isto é: carecemos polo momento dumha instituiçom nacional galega.

Para além desta política de partidos e organizaçõs, de correntes, unidades de açom, cisons e reunificaçõs, a eventual sobrevivência da Galiza como naçom exige umha outra política: umha política de país. Umha política que,

para além das circunstâncias eleitorais e conjunturais unidades ou divisõs, seja capaz de produzir instrumentos efetivos de libertaçom que girem à volta da sobrevivência e do bem-estar do nosso povo, da nossa terra e nos que seja doado participar e sentir-se refletido. Umha política nacional e supra-partidária, a partir da qual a coletividade tome o protagonismo por cima de liderados individuais, e que faga que todas as pessoas que acreditamos numha Galiza livre e numha sociedade justa rememos juntas cara a liberdade no canto de competirmos por um nicho de mercado eleitoral.



EDITORA
A.C. MINHO MEDIA

CONSELHO DE REDAÇOM

Iván G. Riobó, Aarón López Rivas, Rubén Melide, Xavier Miquel, Antia Rodríguez García, Raul Rios, Xoán R. Sampedro, Olga Romasanta, Alonso Vidal, Paulo Vilasenin

SECÇONS

Cronologia: Iván Cuevas / **Economia:** Aarón López Rivas / **Agro:** Paulo Vilasenin e Jéssica Rei / **Mar:** Afonso Dieste / **Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **A Terra Treme:** Daniel R. Cao / **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José

Antom 'Muros' / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Cultura:** Antia Rodríguez / **Desportos:** Anjo Rua Nova, Isaac Lourido e Xermán Viluba / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Xan Duro / **A Criança Natural:** Maria Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Revista:** Rubén Melide / **A Galiza Natural:** João Aveledo / **Gastronomia:** Luzia Rgues., Sino Seco / **Língua Nacional:** Valentim R. Fagim / **Criaçom:** Patrícia Janeiro / **Cinema:** Francesco Traficante, Xurxo Chirro

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Hilda Carvalho, Joám Fernandes, Manuel Pintor, Helena Irímia

FOTOGRAFIA

Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Zélia Garcia, Borja Toja

ADMINISTRAÇOM

José Viana e Carlos Barros Gonçalves

LOGÍSTICA E PUBLICIDADE

José Viana e Daniel R. Cao

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo**HUMOR GRÁFICO**

Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Ruth Caramés, Pepe Carreiro, Mincinho, Beto

CORREÇOM LINGÜÍSTICA

Xiam Naia, Fernando Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero, Javier Garcia, Iván Velho

IMAGEM CORPORATIVA

Miguel Garcia

COLABORAM NESTE NÚMERO

Elvira Souto, Teresa Moure, Salvador Rosa, André R.P. Silva, Maria Álvares, Cesar Caramés, Sino Seco, A. Quintiá, Pepe Árias, Xurxo Borrazás, André Pena Granha, Éire Cid, Susana Sánchez Arins, Xan Gómez Viñas

FECHO DE EDIÇOM: 18/04/2013

Um fracasso sionista

Elvira Souto

Um grupo numeroso e bem armado de pessoas que procedem de umha mesma ou diferente comunidade nacional, que professam umha mesma, diferente ou nenhuma fé religiosa e deixam a sua terra obrigadas por umha mesma ou diferentes razons (sobrevivência ou afám de aventura e conquista) penetra num território, persegue, expulsa e mata parte das gentes que o habitam, submete o resto a condiçom subalterna, destrói o habitat, impom umha nova língua e umha nova cultura, afirma a sua supremacia sobre os aborígenes e proclama o seu direito a governar a terra que ocupou.

Nada novo. A história está esmaltada de agressions, conquistas, opressions, expulsions coletivas, genocídios, operaçons de limpeza étnica... e das subsequentes revoltas contra esse injusto estado de cousas.

Quando essas revoltas triunfam, nós, nacionalistas, estamos de festa. Quando fracassam, de luto. No combate, ao lado do povo agredido. Tampouco nada novo portanto no amplo apoio que encontra no nacionalismo galego a luta que o povo palestino trava contra a multinacional sionista que ocupa a sua terra desde 1948.

A novidade, que a há, nom está aí. A novidade -o paradoxo, o oximoro, o despropósito- está no em-

penho que mostram algumas pessoas em se proclamarem nacionalistas ao tempo que aceitam (mesmo defendem) a agressom colonial, versom sionista, que perpetra em Palestina um exército ocupante multinacional, petrechado com armamento nuclear nom declarado e fora do controlo, ao que dá cobertura um estado usurpador, confessional e racista que amparam as

grandes potências ocidentais.

Triste novidade? Pois talvez nom tanto. Os denudados esforços que leva anos fazendo Israel e o muito dinheiro que leva investido em captar apoios no mundo nacionalista dêrom sempre na Galiza bem magros resultados, ridículos mesmo. Um grupo mal amanhado de pessoas que vam e venhem à procura dum partido nacionalista onde ancorar. Um par de arrivistas. Vários indivíduos afeitos a buscar pouso onde mais quente o sol. Pouco mais. O nacionalismo galego, na sua expressom política e sindical, nom morde o engodo.

Comprovar este fracasso reconforta. E honra. Teremos fraquezas, cometeremos erros e disputaremos interminavelmente entre nós, en-



ganaremos de caminho e tropeçaremos umha e outra vez em todas as pedras, mas sionistas nom somos. Nom há equívoco: nacionalismo e sionismo som termos antitéticos. A sua combinaçom, um torpe oximoro. E se alguém entende isto como umha forma de negar a condiçom de nacionalistas às pessoas que mostram apoio a Israel, entende bem.

Na sua reuniom do passado mês de março, a assembleia do BNG aprovou umha contundente Resoluçom de apoio à campanha global de Boicote, Desinvestimento e Sançons a Israel:

Israel, um estado confessional de origem multinacional assenta-

Os esforços que tem feito Israel e o muito dinheiro que leva investido em captar apoios no mundo nacionalista dêrom sempre magros resultados na Galiza

povo mediante sucessivas operaçons de limpeza étnica.

A resposta global a esta prática atroz, contrária ao direito internacional, cristalizou em 2005 com o início da campanha BDS (Boicote, Desinvestimento e Sançons a Israel), umha iniciativa civil que visa a restauraçom dos direitos do povo palestino e o cumprimento do direito internacional.

A Assembleia do BNG adere a esta iniciativa da sociedade civil contra a opressom sionista, em defesa dos direitos do povo palestino e a recuperaçom do seu território, e anima tod@s @s militantes a praticar o boicote nom comprando produtos etiquetados como "made in Israel" (código de barras 729).

Inequívoca tomada de posiçom colectiva que se inscreve na longa tradiçom anti-sionista das diferentes formas em que se expressa o nacionalismo galego. Nos próximos meses outras formaçons celebrarão também as suas assembleias e todo fai pensar que teremos de dar as boas-vindas a mais iniciativas como esta.

do na Palestina, pratica umha específica forma de opressom, que denomina sionismo, cujo objectivo é a apropriaçom do território e a erradaçom do seu

A violência de género também é nossa

Teresa Moure

Voltam as mortes. Os jornais encarregam-se de difundir *sotto voce* umas determinadas condiçons sociais, mais próprias das margens que das pessoas que os lêem. "Tinha cinco filh@s, dous não eram do agressor, estava grávida..." Para muitas mulheres essas são condiçons de vida anacrónicas, ditadas por um mundo antigo. Voltam as mortes, mas envolvidas em manto de classe. São as mortes delas, as sem nome, as que não entraram na vida moderna, as que não aprenderam a manejar um iPad, as que não estudaram inglês, são as últimas duma estirpe a se extinguir... E os meios de comunicaçom mostrarão a sua solidarieda-

de: tirarão da notícia, exporão os dados íntimos com prazer excitante (uma filha viu-no tudo!), deleitarão-se, como sempre fizeram nas páginas de sucessos, com o escabroso dos dados. Das instituiçons, as vozes autorizadas também se vão doer, e falar das vítimas menores, das filhas e filhos da assassinada, como precisadas de serviços sociais. Mas a violência de género não é um caso pontual, mas um processo sistémico. Não tem um único culpável, senão que partilhamos com o assassino algum grau de culpabilidade por estarmos a construir uma sociedade agressiva, onde as descargas emocionais só se orientam cara à violência.

Embora os níveis de riqueza e educaçom incidam no cômputo, homens de qualquer raça, classe

A violência de género não é um caso pontual, mas um processo sistémico. Mesmo partilhamos com o assassino algum grau de culpabilidade

ou idade atacam as suas parelhas. Esta permeabilidade social do fenómeno deve levar-nos a supor que a violência constitui um mecanismo útil para subordinar mulheres. Com certeza, há muitos outros mecanismos que servirão e servem ao patriarcado para manter as mulheres em posiçons

sociais de opressão, porém a violência deve ser o mais aberto e efetivo para o controlo social. Conquanto alguns homens em particular rejeitam o uso da violência física ou psíquica contra das suas companheiras na vida, o sistema beneficia-se em conjunto do modo de as mulheres se verem restringidas e limitadas a causa da violência dos seus amantes e companheiros. A presença de abusos na nossa sociedade atua para reforçar a passividade das mulheres e algumas formas de dependência: aceitar o admitido pola tribo, medos às vezes surpreendentes na nossa "época avançada" até o ponto de que elas acabam por ver os seus direitos como benefícios de que se estão a aproveitar ("tu sim que tens sorte, com um moço que sabe cozi-

nhar") e aumenta o acatamento de todas as formas de autoridade e controlo; as chegadas do estado e as leis, e as difundidas por relatos menos formais, como as modas e o consumismo capitalista. Para esta altura deveríamos reconhecer que a violência machista é criada e mantida por um sistema geral de domínio social; não algo aparte. Talvez, num momento de forte crise económica, quando a agressividade capitalista nos faz matinar sobre as distintas formas que adopta a violência cada dia, podamos reflectir sobre que vida paga a pena ser vivida. E na lógica feminista (alternativa, subversiva, transgressora...), a existência que paga a pena há ser tão livre, tão rica, tão intensa, tão própria... e tão pacífica como for possível.

ACONTECE

10 ANOS DE REVOLTA E NOVO CS EM LUGO



O 23 de março o CS Revolta de Vigo celebrou a sua festa de décimo aniversário. Em Lugo, depois da criação da Assembleia Anarquista Lucense, abrirá as portas o Ateu Libértario "A Engranaxe", com jornadas de portas abertas e várias atividades.

CAUSA GALIZA DENUNCIA O JORNAL ABC



A plataforma independentista iniciou ações legais contra o jornal espanhol ABC, depois de ter publicado um artigo onde num organigrama relacionava Causa Galiza como a plataforma de massas de 'Resistência Galega'.



Paralisam as obras da Cidade da Cultura de forma definitiva

NGZ / A Junta vai paralisar definitivamente as obras dos dous edificios pendentes de construción da Cidade da Cultura. Segundo assinalou Alberto Núñez Feijóo, a Junta procederá a paralisación do Centro de Arte Internacional e do Teatro da Música. O executivo anunciou a súa decisión após realizar a súa reunión semanal, justo un día depois de que o Parlamento aprovasse unha moção proposta polo BNG para deter as obras em projeto no Gaiás.

Na moção apresentada polos nacionalistas, para além de instar à paralisación dos prédios, pedia-se a avaliação do impacto económico, social e cultural do Gaiás. Apesar de que o PP rejeitou a proposta completa, sim votou a favor do primeiro ponto da moção, que foi tramitado de forma independente.

O complexo, desenhado polo arquiteto Peter Eisenman constava de seis edificios na súa formulação inicial, dos que há quatro construídos com um investimento que supera os 287 milhões, segundo a Junta. Os outros dous, valorados em 170 milhões, mais custos em equipamento e manutenção, nom se iniciaram, e a súa construción deteve-se a passada legislatura, em princípio até 2014, momento em que estava previsto fazer unha reflexión sobre a paralisación definitiva.

A paralisación temporária, incluída no plano Gaiás 2012-2018, poupou 77 milhões de euros à Junta, segundo o próprio Governo, que precisa que as empresas adjudicatárias -duas UTES, unha formada por Copasa e Acciona, e a outra por estas duas sociedades e OHL- renunciaram às indemnizações. Ao converter em definitiva esta decisión, Núñez Feijóo assumiu que as empresas reclamaram unha indemnização, ainda que nom quijo adiantar unha cifra já que, segundo as suas palavras, "há que negociar".

Denunciam Meio Rural pola contratação do serviço aéreo

A CONTRATAÇÃO IRREGULAR CHEGARIA AOS 34 MILHONS DE EUROS

NGZ / A Plataforma em defesa do Setor Marítimo Pesqueiro da Galiza (Pladesemapesga) apresentou unha denuncia no julgado de guarda da Corunha. A causa foi a presumível contratação irregular dos helicópteros do serviço aéreo da Junta por parte da Secretaria-Geral Técnica da Conselheria de Meio Rural e do Mar. Esta presumível contratação irregular, da que a plataforma responsabiliza o secretário geral técnico Francisco José Vidal Pardo y Pardo, chegaría aos 34 milhões de euros. Contudo, a plataforma pede-lhe à oposição que "crie iniciativas parlamentares que persigam deitar luz sobre o obscurantismo destes modos de proceder, tanto dentro da Conselheria de Meio Rural e do Mar como também, so-

bre a falta de transparência no multimilionário gasto".

Como já foi publicado no NOVAS DA GALIZA do passado mês de Dezembro (Nº121), e como recalcam agora desde Pladesemapesga, o monopólio do salvamento marítimo com meios aéreos foi blindado pola Junta ao ser-lhe adjudicado à Inaer Helicópteros Offshore. Esta pertence à família proprietária da Pescanova, que gere o serviço desde que foi instituído e que, desde há pouco, passou a controlar também as brigadas aerotransportadas contra incêndios.

Na denuncia apresentada por esta plataforma, é assinalado que na adjudicação producirom-se certas irregularidades, como que as ofertas doutras empre-

sas fôrom rejeitadas, depois ficou deserto o concurso público e, por fim e de jeito urgente, o contrato passou a maos da Ianer-Nanutecnia.

O coletivo responsabiliza de maneira direta o secretário geral técnico de Meio Rural e do Mar, Francisco José Vidal Pardo y Pardo, tal como recolhem no documento de denuncia, no que também pedem responsabilidade penal. No mesmo número do NGZ, no 121, também era assinalada a violação da Lei de Incompatibilidades por parte de Vidal Pardo quem tem, polo menos, para além da secretaria geral técnica, outros nove cargos diferentes em conselhos de administração de empresas públicas, e mesmo nalguma imobiliária, como Bankia Habitat.

CRONOLOGIA

10.03.2013 / Explosom destróia um caixa automático de Novagalicia Banco no Rosal.
11.03.2013 / Afetados polas preferentes fecham-se na casa do concelho de Ferrol.
12.03.2013 / Parlamento galego pede por unanimidade o indulto para David Reboredo. O 18 sairá da cadeia.
14.03.2013 / TSJG invalida os concertos da Junta com os

centros de ensino que segregam por sexo.
15.03.2013 / Estudantes da USC em defesa da educação pública irrompem no conselho de governo da universidade e obrigam a suspendê-lo.
16.03.2013 / Umhas 9.000 pessoas manifestam-se em Monforte em defesa do hospital.
18.03.2013 / Associação 'Ouro Nom' interpom recurso contra

a autorización à mineira Asturgold para realizar novas sondagens em Salave (Tápia).
19.03.2013 / Julgado do Contencioso-Administrativo número 3 de Ponte Vedra declara ilegais os sinais de trânsito escritos só em galego.
20.03.2013 / Afetados polas preferentes retemem na nova depuradora de Vigo o Delegado do governo espanhol, Samuel Juárez, o conselheiro de

Meio Ambiente, Agustín Hernández, e outros.
21.03.2013 / Funcionários judiciais marcham em Vigo contra a privatização do Registo Civil.
22.03.2013 / Umhas 200 pessoas manifestam-se em Boal contra a supressom de duas unidades educativas no Colégio Carlos Bousño.
24.03.2013 / Trabalhadores do Museu do Mar de Galiza reali-

zam marcha reivindicativa em Vigo para reclamar o cumprimento da sentença que obrigava à súa readmissom.
25.03.2013 / Pleno de Vila Garcia aprova taxas para o uso dos recintos culturais em meio de protestas que reclamam a gratuidade da cultura.
26.03.2013 / Polícia Local despeja aos afetados polas preferentes fechados desde havia três meses em Sam Genjo.

SANCIONAM O CONCELHO DE LUGO POR PERMITIR FUGAS DE ÁGUA



A confederação Minho-Sil sancionou o concelho de Lugo com 300 euros, polo mal estado em que se topava umha arqueta de saneamento no rio Rato. Por esta arqueta estava-se a filtrar boa parte da água do rio Rato que depois ia ao coletor geral de águas fecais, cousa que fazia que o canal baixasse quase baleiro em verao.

JÚIZO CONTRA A LOUSEIRA QUE FORNECEU A CIDADE DA CULTURA



A fiscalia de meio ambiente pede para os responsáveis da empresa "Piedra Natural de Mura S.L." cinco anos de prisom por promover a louseira "Angelita II" num espaço protegido pola Rede Natura 2000. O PP concedeu vários contratos á empresa para fornecer de pedra a residência presidencial de Fraga e a Cidade da Cultura.

Alertam sobre extermínio de cavalos em liberdade

VERDEGAIA ANUNCIÓU BATIDAS INDISCRIMINADAS DE CAVALOS

NGZ / O coletivo ecologista Verdegaia denunciou, por meio dumha nota de imprensa, a "captura indiscriminada de cavalos que se está a realizar nos concelhos de Paços de Borbém, Mondariz e Fornelos de Montes por parte das comunidades de montes, os municípios e a própria Junta". Segundo esta organização, as "batidas" que se estão a organizar afectam também o gado vacum em extensivo, e ameaçam com se estender a outros lugares do país. Os cavalos apresados pertencem à raça autóctone galega, contam de Verdegaia. Habitam entre outros espaços na serra do Suído, Coto de Eiras e monte Saramago em regime de liberdade e com um cuidado mínimo por parte das pessoas. A organização afirma que o destino final das bestas será, previsivelmente, "o sacrifício", enquanto que as vacas capturadas serão incineradas. Contudo, denunciam a actuação da Junta que, segundo assinalam, "como noutros conflitos que se venhem produzindo no nosso país entre a fauna selvagem e as actividades humanas, o governo opta por umha solução salomónica, decidindo o extermínio dos animais como única resposta".

Nesta linha, de Verdegaia recalcam que o cavalo galego de mon-



te é umha variedade autóctone que fai parte do grupo dos pónies atlânticos. Noutros países da Europa, a administração tutela estas raças, mas na Galiza, a Junta, segundo contam desta associação, "pretende erradicar as populações silvestres desta espécie, pese a se tratar dumha variedade própria do país incluída no Grupo de Raças Autóctones em Perigo de Extinção". Deste modo, da associação pedem que estes animais do monte "sejam identifica-

dos de maneira clara, entre outros motivos para frenar certas práticas ilegais que provocam um sofrimento desnecessário, como é o uso de tranças e pejas". No entanto, demandam "umha ordenação dos usos do monte que integre os diferentes tipos de exploração e a conservação da biodiversidade", que procure "minimizar os conflitos entre a exploração em extensivo de cavalos e gado doméstico, e a agricultura e a gestom florestal".



A factura do lixo pode subir 26% pola má gestom de SOGAMA

NGZ / O governo espanhol apresentou no dia 1 de Fevereiro um novo decreto que introduzia modificações no sistema eléctrico para, segundo declarações do ministro de Industria, "rebaixar o preço da tarifa". Entre estas regulações está o incremento das primas para as renováveis por debaixo do IPC anual, o que significa umha redução destas. SOGAMA, empresa encarregada de gerir o 82% do lixo da Galiza, vende a electricidade que sai da incineração do refugo e por isso também está dentro das primas às renováveis. Ora, coas modificações, a empresa calcula que vai deixar de ganhar uns 13 milhons de euros anuais, para além dos 21 milhons que lhe devem os concelhos, que somados aos quase 300 milhons de euros que a Junta tem investido nos últimos dous anos na empresa, criam um devido difícil de

suster. Para SOGAMA, umha das soluções ao problema seria a ampliação do vertedouro de Cerceda, o qual já conta com 2 milhons de toneladas de lixo acumulado.

Para a associação ambientalista Adegas, este conflito só mostra que a incineração é um sistema que a parte de perigoso para a saúde, também é totalmente ineficiente economicamente. Desde esta associação denunciavam que com a redução das primas e a quantidade devida crescendo, a solução pode ser um aumento da taxa do lixo por cima do 26%. A associação ecologista também denuncia que com as novas modificações a principal beneficiária será Gas Natural-Fenosa (proprietária do 49% das ações de SOGAMA) já que lhe vai vender mais caro o gás que precisa SOGAMA para secar e poder queimar o refugo.

CRONOLOGIA

27.03.2013 / Afetados polas preferentes obrigam a suspender o pleno de Ponte Areias. Dias antes rebentaram os de O Grove, Sam Genjo, Salvaterra, as Neves e Gondomar

28.03.2013 / Corporação de Moanha fecha-se na casa do concelho em solidariedade com os afetados polas preferentes.

29.03.2013 / Elena Dumitro, vizinha de Lugo, é assassinada polo seu homem.

30.03.2013 / Por volta de 1000 pessoas manifestam-se na Corunha contra o feche da fábrica de armas de Santa Bárbara.

01.04.2013 / Declaram em Ourense três pessoas acusadas de enaltecimento do terrorismo por portarem fotos de presos independentistas na gravação dum lipdub em março de 2012.

02.04.2013 / C.V.Z.F., engenheiro madrileno morre atropelado

nas obras do TAV na Albergaria (Laça).

03.04.2013 / Independentista julgada polos protestos de Massó em Cangas chega a um acordo com a acusação e é condenada a um ano e nove meses de prisom.

04.04.2013 / Morre no posto de trabalho um operário dumha empresa auxiliar de Gas Natural Fenosa na central térmica de Sabom (Arteijo).

05.04.2013 / Ex-diretor de Aquagest na Galiza, Henry Laíño López, detido ao seu regresso da Colômbia por causa da operação Manga.

06.04.2013 / Stop Despejos de Ourense realiza escracho perante a casa do deputado do PP no Congresso espanhol Celso Delgado.

07.04.2013 / Más de 100 veículos participam na tratorada organizada em Cabana de Ber-

gantinhos para se opor ao projeto de exploração mineira.

08.04.2013 / Doze organizações políticas, sindicais e sociais apresentam manifesto galego em apoio a Nicolás Maduro nas eleições venezuelanas.

09.04.2013 / Plataforma Galega em Defesa do Ensino Público inicia em Santiago os fechos rotatórios em contra da LOMCE.

FISCALIA EXIME A IGREJA DE RESPONSABILIDADE



A fiscalia de Santiago fixo pública a acusación contra José Manuel Fernández Castiñeiras, eximindo a igrexa de calquera responsabilidade, embora considera un feito provado que o administrador da catedral no ano 2000 deu-lhe a chave do despacho onde se encontra a caixa forte. Ademais obriga a Castiñeiras a devolver o dinheiro á Igrexa.

CONDENAM CHARO LOPES A UM ANO E NOVE MESES DE PRISOM



A independentista Charo Lopes foi condenada a 1,9 anos de cárcere por terem participado nos protestos contra a construción dum porto desportivo que a empresa Massó quería construír em Cangas. Um acordo entre a acusación e a defensa evitou a entrada no cárcere por nom terem antecedentes e a umha multa económica de 6000 euros.

MÓNICA CAMAÑO, ATRIZ E ATIVISTA DO SECTOR CULTURAL

“As nossas reivindicações som sectoriais, mas acompañham às de outros coletivos”

RUBÉN MELIDE / Entrevistamos Mónica Camaño, atriz de teatro, televisom e cinema originária do Morraço, diretora de teatro amador e envolvida no trabalho de mobilização e denúncia contra o que o setor chama de “destruição da cultura galega”. É precisamente arredor desta destruição que gira a nossa conversa.

Como surge a plataforma Cultural contra a mentira, e quais som os seus objetivos?

Haverá um ano e meio, quando começamos a ver que o tecido e o setor era desmantelado, e com o galho de nom se ter celebrado a Feira Galega das Artes Cénicas e Musicais (no seu lugar fixo-se umha pseudo-amostra que nom valia, em que nós criticamos o funcionamento das cousas mas participamos igualmente), o coletivo começou a se reunir em assembleia, e vimos que era preciso fazer alguma cousa para darmos voz ao tecido galego das artes cénicas, advertir do desmantelamento deste e combatê-lo. Foi a partir de aí que começou a trabalhar o que chamamos de Plataforma das Artes Cénicas e Musicais, que pouco e pouco foi somando mais coletivos. Está desde a Associação de Companhias de Teatro, o Coletivo das Salas de Teatro Privadas da Galiza, os coletivos de magos, de dança cénica, de circo, a Revista Galega de Teatro, músicos ao vivo... em total fazemos dezasete coletivos. Somamos forças especialmente para termos um único interlocutor, porque também fomos vendo que cada vez que tínhamos reuniões com o secretário geral, mas sobretudo com o diretor de AGADIC, utilizavam a nossa voz de forma mal-intencionada para nos dividirem. Foi entom que dixemos: vamos juntar para constituirmo-nos como interlocutor e como uniom do setor. Apareceu entom a Rede

.....
 “A excusa da crise deixou sem orçamento instituições culturais”

Alternativa de Teatros do estado, que alcunhou umha legenda: “Cultura contra a mentira”, baseado em dous piares: um, que a alternativa dos cortes que nos queremos vender de Madrid nom é viável e o outro, que os cortes nem só están no ensino e na saúde, mas também na cultura. Há umha frase de Vidal Bolanho que diz que a arte é absurda, sendo precisamente essa condição o que a fai necessária. Parece que a única política que temos é a mentira repetida mil vezes. As nossas reivindicações som sectoriais, mas também as somamos às de outros coletivos, como o ensino ou a saúde, porque nós trabalhamos para a cidadania.

Como valorizas o talante da administração galega no campo da cultura, com episódios como a nomeação na direção da AGADIC de Jacobo Sutil ou a escolha de Marta Rivera de la Cruz para a celebração dumha homenagem a Rosalia?

Polo que parece, esses dous aspectos fam parte dumha mesma estratégia. Eu nom sei se eles querem ser inconscientes nas suas decisions, mas na rua isso cheira a que há umha intencionalidade clara. Nós, no coletivo, estamos de há cerca de dous anos a tratar de saber qual é o plano que há para a cultura, pola incerteza que temos. Tem de haver um plano para a cultura, como o tem de haver para a educação e para a saúde. E estamos a ver que nom há, ou que existe o plano de nos desmantelar. E nesse conjunto está o idioma, están símbolos como que no dia de Rosalia escolham como imagem umha senhora do



mundo da escrita espanhola, que ainda que seja galega nom pertence ao universo cultural da escrita galega, igual que Cela, Valle Inclán ou Torrente Ballester, o qual adoro. Entom, a escolha de Sutil como diretor da AGADIC (agência que já em si é questionável) é um pouco mais do mesmo. Nom duvidamos da formação económica do novo diretor, mas nestes momentos precisamos da diligência dumha pessoa do mundo da cultura, e que seja escolhido um homem deste perfil assustados. O que temos que chegar nós à sociedade nom é só economia, nem muito menos.

Aliás, até a chegada de Sutil, levamos cinco meses de parálise no setor. Os três melhores meses do ano perdêrom-se, e continuam a nos pedir paciência.

Pensas que as subvenções som fundamentais para se manter o setor das artes cénicas?

Completamente. De nom existirem as subvenções haveria cultu-

ra, sim, mas haveria umha cultura “X”. Nom existiria umha cultura democrática. Falamos da arte do teatro, nom do teatro comercial. Este último seguramente poderia aguentar, com gentes que tenham conhecimento polo que for – por qualidade, por serem pessoas televisivas ou polo que for-, mas estamos a falar dumha cena ampla em que haja de todo: teatro rico em textos, teatro universal, produção dramática própria galega, nova criação, dança contemporânea... E para haver um abano amplo tem de haver um apoio institucional.

Como valorizas o comportamento das instituições a respeito do Dia das Letras dedicado este ano a Roberto Vidal Bolanho?

É tristíssimo, e resulta umha ironia, o facto de que no ano em que temos por fim um dramaturgo como homenageado nas Letras seja efetivamente o ano do desmantelamento total da nossa cultura, nem só no teatro. Sinceramente: somos

muitas as que pensamos “que diria Roberto disto?”. Mágoa da sua voz, da sua inteligência e da sua lucidez, para pormos os pontos sobre os is, como já lho figera antes a um conselheiro em *Caprice de Dieu*, quando se enfrentou com a censura e o silêncio. Depois voltou fazê-lo, dumha maneira diferente em *Sem ir mais longe*. Penso que nom se está a fazer o que se deveria. Para começar, é triste que montem um espetáculo dele com só cinco pessoas. E nom me serve a excusa de que Roberto o fizesse assim, porque ele fazia-o só com a sua companhia. Por agora, é o único que sabemos que vai montar o Centro Dramático Galego, que é o nosso teatro nacional. Entom, parece-me um projeto mui parco. Tem que haver muito mais, e penso que a nível oficial se está a fazer pouco.

Que acontece no nosso país para a cultura autóctone ser umha cultura quase marginal?

É um reflexo da conjuntura própria do país. Parece que o governo e as instituições políticas continuam a nos ver como umha periferia. Somos quase bombeiros apagando lumes. Nom se fai um projeto pensado para o país. Em todo o caso, é subsidiário doutras alternativas. Ainda que a conjuntura económica te obrigue a isso, há que encarar essas questons desde aqui. É um reflexo claríssimo da sociedade e um indicativo de como estamos. O momento presente é muito perigoso, porque é um momento de recentralismo. Se houve plantejamentos de criação de instituições para trabalhar desde a Galiza estamos a ver como, com a excusa da crise, están a ficar desmembradas e sem orçamentos. Entom perde-se a fortaleza para trabalharmos desde nós mesmos. Parece que a cultura nom é fundamental, mas parafraseando Bernardino Graña, quando nom esteja aí, *como hei viver manhã sem a luz tua?*

TRABALHADORAS DA TVG CRIAM UM BLOGUE



A intenção das trabalhadoras é denunciar a manipulação que se dá no telejornal. A web trata de evidenciar o tratamento informativo que se lhe dá a várias notícias de carácter político. Os últimos artigos falam sobre o tratamento que se lhe deu à comparação de Feijoo após as fotos com Marcial Dorado.

DENUNCIAM QUE 'LA VOZ DE GALICIA' CRIMINALIZA



A revista Portugaliza denunciou que o jornal corunhês *La Voz de Galicia* está levando a cabo uma campanha de criminalização contra a comunidade linguística galega. Segundo a revista, este diário descreve a condição de galegofalantes em várias notícias relacionadas com a criminalidade.



JESÚS VÁZQUEZ, conselheiro de Educación

Quase mil milhões de euros para os centros concertados

VÁRIAS ESCOLAS PREPARAM ENCERRAMENTOS CONTRA A LEI WERT

NGZ / Os centros privados concertados terão um financiamento de quase 1.000 milhões de euros durante os próximos quatro anos por parte da Conselheria de Educación. Depois de que esta normativa saltasse para os titulares em março, pelo veto do Tribunal Superior de Justiça da Galiza aos concertos com colégios que segregam o estudantado em função do seu sexo, Educación publicou o passado 1 de abril no DOG a ordem que regerá estas achegas até o próximo ano 2017. Sem grandes novidades no seu articulado, a normativa rebaixa ligeiramente a sua dotação orçamental e deixa aberta a porta

aos pagamentos aos colégios segregacionistas em canto culmine a reforma educativa que prepara o governo espanhol, a conhecida como Lei Wert.

Encerram-se contra a LOMCE
Ao igual que já fígeram o passado ano, as pessoas da Plataforma em defesa do ensino público voltarão fechar-se nos centros para exigir a retirada da LOMCE, e reagir aos cortes recolhidos nos orçamentos para 2013. Algum dos emprazamentos elegidos pola plataforma para desenvolver as 24 horas de feche som centros que a Junta da Galiza prevê suprimir no ensino médio, como o luguês IES das

Mercedes, que será convertido num centro de Formação Profissional após eliminar os cursos de ESO e Bacharelato.

Para os vindouros dias, os lugares e horários de feches som estes: 16 de abril, Lalim (CEIP Xesus Golmar); 17 abril, Lugo (IES As Mercedes); 18 abril, Verim (IES Xesus Taboada Chivite); 22 abril, Burela (IES Monte Castelo); 22 abril, Ourense (Xefatura territorial); 23 abril, Cambados (IES Ramón Cabanillas); 24 abril, Ribeira (IES Nº 1); 24 abril, Vigo (IES San Tomé Vigo); 25 abril, Gondomar (IES Terra de Turonio); e 26 abril, Ponte Vedra (IES Torrente Ballester).

O trabalho escravo da Inditex chega à Argentina

NGZ / Em meados do mês de Março passado, foi clausurado em Buenos Aires umha oficina clandestina em que se confecionava roupa para Zara. Era o primeiro que se achava na Argentina com peças da marca galega. Foi a ONG fundação A Alameda a que apresentou umha denúncia penal contra a firma de Amancio Ortega, e promoveu um escrache perante umha das lojas que a empresa possui no centro portenho.

Junto a Zara, fôrom denunciadas outras duas empresas argentinas, Ayres e Cara y Cruz, depois de que A Alameda informasse à promotoria anti trata UFASE da situação exata de três oficinas informais nos bairros de Mataderos, de Floresta e de Liniers (todos no oeste da capital) que comprometiam as marcas de roupa. Achegáram como experimenta algumas imagens dos locais filmadas durante os registos da Agência Go-



vernamental de Controlo (AGC), organismo do governo autónomo da cidade de Buenos Aires.

Poucos dias após conhecer-se esta primeira notícia, o presidente desta organização argentina, Gustavo Vera, adiantou que vinham de encontrar outro recinto ilegal no que trabalham imigrantes explorados, e onde voltaram a descobrir indumentaria da filial de Inditex. Trataria-se dum obradoiro clandestino que também produz para outra marca, Scombro, a qual foi denunciada pola organização em 2007. Neste sentido, a ONG, junto com o sindicato CGT, apresentava umha segunda denúncia penal contra a multinacional.

ECOAR, nova plataforma social na cidade de Vigo

NGZ / O 21 de março, entrou em funcionamento a nova página web da plataforma cidadá ECOAR (Espaço de Contra discurso, Coordenação e Construção de Alternativas e Resposta Social), que pretende afiançar este coletivo formado por agentes pertencentes a distintos movimentos sociais da cidade de Vigo. Assim vemos vários coletivos, desde o 15M da cidade ou a PAH, até o coletivo de solidariedade

cos presos ou os centros sociais Bou Eva ou a Cova dos Ratos. A web pretende ser um espaço onde poder achar vários documentos e debates arredor do anticapitalismo, o ecologismo ou a defesa do setor público. Entre os seus objetivos está a criação dum contra discurso, o apoio e defesa de projetos, plataformas e coletivos de crítica social ou a dinamização do entorno através de ações e iniciativa crítica.

CENTROS SOCIAIS

CS Abrente Arcade · Souto Maior	Artábria Trav. Batalhons · Ferrol	CSO A Casa Negra Perdigom · Ourense	Fervestrelro Adám e Eva · Ferrol	Henriqueta Outeiro Quir. Palácios · Compostela	CS En Pé Zona velha · Ponte Vedra	Sem um cam Rua do Vilar, 9 · Ourense
Aguilhoar O Forno · Ginzo de Limia	Aturajo Principal · Boiro	LS do Coletivo Terra Boa Vista · Ponte d'Eume	O Fresco Bº da Ponte · Ponte Areias	CSO Liceo Estribela · Marim	O Pichel Sta. Clara · Compostela	A Tiradoura Reboredo · Cangas
Arredista Rodas, 25 · Compostela	Bou Eva Terço de Fora · Vigo	A Cova dos Ratos Romil · Vigo	O Fuscalho Rua Colom · Guarda	CS Lume! Rouxinol nº16 · Vigo	A Revira Gonz. Gallas · Ponte Vedra	CS VagaLume R. das Nóreas, 5 · Lugo
CS Almúinha Rosalia de Castro, 46 · Marim	A Casa da Estación Ponte d'Eume	Distrito 09 Coia · Vigo	A Ghavilla Ponte da Rainha · Compostela	Mádia Leva Serra de Ancares · Lugo	A Revolta do Barbés Rua Real · Vigo	CSO Xuntas Rua do Carne · Vigo
	CSO Casa do Vento Figueirinhas · Compostela	Fáisca Calvário · Vigo	Gomes Galoso Monte Alto · Corunha	CSO Palavea Palaveia · Corunha	A Revolta de Trasancos A Fáisca · Narón	CSA Zalemú R. Carris, Valençá · Barbadás

A PESQUISA

O ex-conselheiro Xesús Palmou é umha figura chave na pressom ao presidente da Junta pola existência das fotos

Sector ourensano quer frustrar aspirações políticas de Feijóo e desgastar Rajoy

FAÇOM DO PP QUE FILTROU AS FOTOS DE FEIJÓO TEM IMAGENS DE RAJOY COM OUTRO EX-CAPO DO CONTRABANDO

As velhas luitas internas no PP da Galiza están detrás da recente publicação das fotografias que relacionam o presidente da Junta, Alberto Núñez Feijóo, com o narcocontrabandista Marcial Dorado. A façom que filtrou as imagens possui também instantâneas do presidente do Governo espanhol, Mariano Rajoy, em compa-

nhia doutro ex-capo do tráfico ilegal de tabaco. Detrás desta manobra com que se procura frustrar as aspirações políticas do primeiro e desgastar o segundo encontra-se o sector ourensano do PP, próximo aos Baltar e tradicionalmente ligado a José Cuiña, e que na atualidade coincide em interesses com Esperanza Aguirre.

SALVADOR ROSA / Fontes ligadas a umha das conselharias do último Governo Fraga às quais tivo acesso esta publicação confirmam que a filtraçom das fotografias do presidente galego com o histórico contrabandista -na atualidade em prisom por narcotráfico e suborno e prestes a ser julgado por branqueamento de capitais- responde às luitas internas que desde há anos se vêm reproduzindo no seio da formaçom conservadora. Nomeadamente, indicam que se trataria de umha manobra do sector ourensano do PP próximo aos Baltar e tradicionalmente ligado ao ex-conselheiro de Política Territorial e eterno delfim de Fraga Iribarne, o falecido José Cuiña, destinada a frustrar as aspirações sucessórias de Feijóo e, ao mesmo tempo, desgastar o presidente do Governo espanhol. Rajoy teria pactuado que o presidente da Junta daria entrada às distintas familias 'populares' no Governo galego, ainda que ao final se impugesse o sector do PP ligado ao Opus Dei cuja cabeça visível é o ex-conselheiro e ex-ministro espanhol de Sanidade, José Manuel Romay Beccaría, mentor político de Feijóo e atual presidente do Conselho de Estado após deixar o cargo como tesoureiro do PP, a que acedeu por encargo de Rajoy depois da demissom de Bárcenas pola sua implicaçom na rede "Gürtel".

Este caso de financiamento ilegal do PP, feito público polo grupo da ex-presidenta da Comunidade de Madrid Esperanza Aguirre no quadro doutra guerra interna, afeta diretamente a um dos homens de Cuiña na Galiza, Pablo Crespo, a quem o de Lalim fichou para a Deputaçom de Ponte Vedra na mesma época em que promovia a Rafael Louzán para a instituiçom provincial em contra da opiniom doutros pesos pesados do partido. O ex-conselheiro de Indústria, Javier Guerra, situarise também na órbita de Aguirre



O registo foi dirigido por Taín e o chefe de aduanas na Galiza

Palmou pretendia acompanhar Rajoy no Governo espanhol

após ser cessado por Feijóo. O empresário viguês pertence ao chamado sector dos "liberais" junto à gente de Padrom organizada ao redor de José Manuel Cortizo, proprietário do Grupo Cortizo, líder espanhol na fabricaçom de alumínio.

Estas mesmas fontes situam detrás da operaçom que acabou com a entrega das imagens ao jornal *El País* ao ex-comissário da Polícia e ex-conselheiro de Justiça a proposta do próprio Cuiña, Xesús Palmou -hoje coincidente em interesses com Aguirre- que teria acedido a elas depois de terem sido confiscadas durante os registos na casa de Dorado. Pessoas do



PP EM FAMÍLIA
Pastor, Feijóo, Rajoy, Louzán, Telmo Martín e José Benito Suárez, home da ministra

ambiente do narcocontrabandista consultadas por este jornal confirmam que as fotos desaparecerom durante a intervençom dirigida polo juiz José Antonio Vázquez Taín e polo chefe do Serviço de Vigilância Aduaneira na Galiza, Hermelino Alonso Eiras.

Outras testemunhas sustentam que, tal e como reconheceu o próprio juiz, existem mais imagens que fõrom intervindas em distintos registos em domicílios de narcocontrabandistas onde se podem observar outros destacados militantes e cargos do PP em companhia de pessoas rela-

cionadas com estes negócios ilícitos. Umha vez que Feijóo se foi a Madrid para ocupar um cargo em Sanidade figérom-lhe chegar a Fraga um relatório com as instantâneas publicadas recentemente, assim como outras em que também estão o ex-álcalde de Sam Genjo, Telmo Martín, e a ministra de Fomento, Ana Pastor, cujo companheiro sentimental, José Benito Suárez, foi tenente de alcalde e concelheiro em Ponte Vedra com Martín. O ex-presidente da Junta teria consultado com o Centro Nacional de Inteligência (CNI), mas optou

O ambiente de Dorado confirma que as fotos desaparecerom durante a intervençom

por esquecer-se das fotos depois de que Romay Beccaría "petasse em riba da mesa".

O próprio presidente do Governo espanhol, Mariano Rajoy, tem conhecimento da existência de fotografias suas com outro importante ex-capo do contrabando -nalgumha das quais apareceria junto a Manuel Fraga, segundo puido confirmar NOVAS DA GALIZA- que nom saírom à luz graças à intervençom do presidente da Deputaçom de Ponte Vedra, Rafael Louzán. Tal e como recolhe o jornalista galego Gustavo Luca de Tena no seu libro "Fraga, retrato de um fascista", Rajoy nom era menos amigo que Fraga dalgum dos chefes do contrabando, como o caso de Vicente Otero, 'Terito', "e era visto também com frequência na companhia de José Ramón Barral 'Nené', Luís Falcón 'Falconetti' ou José Manuel Prado Bugallo 'Sito Miñanco'.

Ambiçom política por detrás

Palmou e Taín partilham, além da sua origem ourensana e de umha amizade íntima que se viu reforçada quando o juiz foi nomeado polo conselheiro de Justiça diretor do Centro de Estudos Judiciais e Segurança Pública da Galiza, umha desmesurada ambiçom política. É vox populi que tanto o juiz como o político aspiram a ocupar algum cargo importante na Junta ou no Governo espanhol. No caso de Palmou, sabemos que pretendia acompanhar a Rajoy ora como ministro do Interior ora como diretor geral da Guarda Civil, mas foi vetado por Romay Beccaría, que xunto a María Dolores de Cospedal foi quem impujo os membros do exe-

.....
 Antes das fotos Rajoy
 confessou que pensava
 em Núñez Feijóo
 como o seu sucessor

.....
 Noutras imagens
 aparecem Rajoy e Fraga
 com um contrabandista

cutivo, nomeadamente a Ana Pastor e a Arsenio Fernández de Mesa.

Foi precisamente esta ambição o que teria levado a Palmou a aliar-se num primeiro momento com Rajoy e trair a Cuiña com a filtração dos dados que supugérom o final da sua carreira política e agora ao presidente do Governo espanhol com a distribuição das fotos de Feijóo. A manobra nunca lhe foi perdoada pelas *boinas*, que o acusárom de tê-los traído ao alinhar-se com os *birretes*.

De facto, o ex-conselheiro de Justiça substituíra a Cuiña à frente do partido na Galiza meses antes da sua demissão como conselheiro de Política Territorial, e já desde um primeiro momento o sector ourensano acusou-no diretamente de ser o responsável da defenestração que terminou com as possibilidades do político lalinense de suceder a Fraga. A manobra reavivou os confrontamentos entre os grupos da *boina* e do *birrete*, denominações com que se conhecem as fações rural (de corte mais galeguista e autónomo) e urbana (ligada à direção central de Madrid) dos 'populares' galegos.

A irrupção das imagens produziu-se unicamente três meses depois de Rajoy ter reconhecido em círculos próximos que pensava no presidente da Junta para tomar o seu relevo à frente do PP espanhol. Curiosamente, a filtração que permitiu relacionar a Cuiña com a venda de material para a limpeza de praias após a maré negra do Prestige tivo lugar depois de Fraga ter desvelado que iria nomeá-lo vice-presidente e justo antes de ter remodelado um Governo onde finalmente acabaria por entrar Feijóo. Agora Palmou volta mudar de bando para buscar o apoio de Aguirre e Guerra, inimigos declarados de Rajoy e Feijóo.

Financiamento ilegal: das redes do narcocontrabando ao dinheiro público

S.R./ A importante penetração social que em pouco tempo foi quem de lograr no nosso país a Alianza Popular do ministro fascista Fraga Iribarne nom se entende sem o ingente fornecimento de fundos por parte das redes do contrabando de tabaco e do tráfico de drogas desde a sua fundação em 1976. Nom por acaso o assentamento na Galiza da formação que umha década depois agruparia a direita espanhola sob as siglas do Partido Popular coincidiu com a época dourada de um negócio ilegal que a partir da nova lei do contrabando de 1983 dirigiu o seus passos para o narcotráfico.

Os antigos contactos entre o atual presidente da Junta e Marcial Dorado que evidenciam as fotografias publicadas recentemente som um exemplo mais desta histórica relação do PP com pessoas ligadas a negócios ilegais que têm em comum manejar enormes quantidades de dinheiro. O NOVAS DA GALIZA leva denunciando desde o ano 2003 - de igual jeito que outras publicações figérom antes- umhas conexões que servírom para financiar o partido desde o seu início e chegou a publicar originais dos bilhetes que se entregavam como justificante de pagamento.

Mediante este sistema de donativos ilícitos ingressou umha quantidade próxima aos 1000 milhões de pesetas -seis milhões de euros- a inícios dos anos 90, coincidindo com a presidência provincial de Rajoy, graças a alguns dos principais contrabandistas e narcotraficantes da Arouça como José Manuel Prado Bugallo 'Sito Miñanco', Luis Falcón 'Falconetti', José Ramón Barral 'Nené', Manuel Lorenzo 'Ferrazo', Manuel Carballo Jueguen, Manuel Nieto, José Luis Vilela ou o próprio Marcial Dorado. Conforme fontes consultadas, Vicente Otero, 'Terito', pioneiro do negócio e que recebeu a insígnia de ouro e brilhantes da Alianza Popular, chegou a acumular entre 60 e 70 destes justificantes de pagamento, o qual equiva-



RAJOY E FRAGA
em tempos da Alianza Popular

A campanha que levou a Fraga à Junta foi financiada pola droga

leria a um montante superior aos 30 milhões de pesetas da época. Alguns históricos narcocontrabandistas como Laureano Oubiña confirmárom o publicado por este jornal numha entrevista concedida à revista *Vanity Fair*.

Os fundos eram para financiar a campanha das eleições ao Parlamento autonómico de 1990, as mesmas em que Fraga ascendeu ao poder na Junta da Galiza. O ex-presidente partilhava multitudes veladas com os contrabandistas no restaurante Rosita de Cambados e no Altamira de Vila Garcia, onde lhes eram entregues os bilhetes para as doações. O atual presidente do Governo espanhol participou nalguns destes encontros. Igual que o também ex-presidente da Junta Gerardo Fernández Albor, que costumava acudir com Fraga aos bares-restaurantes Santos, Benito Calteiro, La Sirena e Alúmina na localidade ponte-vedresa de Vila Nova de Arouça.

Testemunhos recolhidos recentemente nos círculos do contrabando galego permitírom aprofundar nos detalhes da rede tecida

sobre a comarca do Salnés pola formação de Fraga na etapa de máximo esplendor do 'choio do fume', onde havia quatro pessoas da máxima confiança da organização encargadas de recolher os contributos entre contrabandistas e narcotraficantes que depois eram entregues em Ponte Vedra a Rosendo Naseiro, o famoso ex-tesoureiro do PP processado por financiamento ilegal e suborno.

«O partido nom tinha nada, estava na oposição, e aceitavam-se todos os quartos, vinheram de onde vinhessem; ninguém perguntava», explica umha pessoa que naquela época mantinha relação co tráfico ilegal de tabaco. Em troca, os generosos financiadores receberiam impunidade e reconhecimento social, além de abrir umha nova via de negócios com as instituições públicas. Esta mesma pessoa explica que um dos preferidos por muitos contrabandistas é o subministro de carburantes, «algo com que Marcial Dorado fijo muitos quartos».

De facto, fontes próximas à família do narcocontrabandista reconhecem que a aquisição de umha estação de serviço por parte Dorado através de Manuel Cruz -chofer de Romay Beccaría e testa-de-ferro do narco, que à sua vez foi comprada a Evaristo Juncal Carreira, um alto cargo da Junta que também atuaria como ho-

mem de palha dos traficantes- se produziu porque os contactos de Cruz no Governo galego lhe permitiam aforrar os trâmites administrativos. Ao mesmo tempo, pessoas do contorno de Marcial sugerem que detrás do interesse do motorista de Romay Beccaría em apresentar-lhe a Feijóo estaria «a sua intenção de ganhar pontos diante do capo porque talvez quisesse abandonar o seu posto de chofer e iniciar negócios conjuntos». A bomba de gasolina terminaria finalmente nas maos de Pablo Vioque, outro ilustre narco do PP, que a explorou um tempo baixo o nome de Gasóleos de Caldas.

Umha vez no poder, o financiamento ilegal da formação conservadora foi transferida para as instituições públicas. Ex-cargos do PP com quem contactou este jornal revelam que nada mais chegar às Alcaldias, o partido enviava umha pessoa com umha relação das obras que se iriam executar no município e entregava um envelope com a oferta da empresa a que se tinham que adjudicar os trabalhos. «Havia gente do partido que tinha umha lista com todas as obras dos distintos concelhos do país e dedicava-se a visitá-los para repetir a operação; ao principio vestiam trajes e sapatos baratos e levavam as camisas gastadas, mas logo começaram a vestir bem, o qual significa que além de receber para a organização algo também lhes caía a eles», lembram.

Depois a cobrança centrou-se nas Deputações e nas grandes obras da Administração, portanto, a Conselheria de Política Territorial que dirigia Cuiña converteu-se em pouco tempo no principal organismo público através do qual se nutria de fundos o PP e o seu titular o principal financiador da formação conservadora, que explica o grande poder que logrou atesourar até a sua queda em desgraça. A partir de entom foi substituído neste labor polo presidente da Deputação de Ponte Vedra, Rafael Louzán, tal e como revelava o NOVAS em outubro de 2004.

Murguía, Revista Galega do Historia comprará, en breve, unha década de andaina. Son centos de asinantes, lectoras e lectores as que teñen como referencia *Murguía*, de cara a descuberta da Historia da Galiza.

Investigacións, documentos, lecturas, entrevistas... Un rico contido, volume tras volume, e o patrimonio que xera e divulga *Murguía*, Revista Galega do Historia. No último número aprésentase un texto inédito de Xosé María Álvarez Blázquez, senilas lembranzas a Francisco F. Del Riego, un documento central arredor da figura de Prisciliano, así como unha entrevista á historiadora Ana Cabana e unha ampla reflexión sobre a memoria histórica e a represión franquista na Galiza, entre outros textos.

Nome Apelidos

Enderezo

Localidade CP Teléfono

Solicito: Subscripción Máis Información

Enviar a Murguía, Revista Galega do Historia, Apartado de Correos 158 - 15.703 Compostela
ou secretaria@murguia.com

Subscribe! | www.revistamurguia.com |

MAR



POLÍCIA SERVIU INTERESSES EMPRESARIAIS

Junta dá 400.000 euros a Conservas Cuca, que poderia despedir todas as trabalhadoras

A.DIESTE / Cuca é umha das 67 conserveiras da Galiza, com mais de 75 anos de existência. A proprietária, Garavilla, fecha a fábrica de Vila Joám para trasladar a produção a outra pranta que tem em O Grove e nom garante manter os empregos. A Junta concedeu-lhe 400.000 euros.

Desde há meses, as operárias de Conservas Cuca, em Vila-joam, estão a se mobilizar para que a empresa lhes garanta que o traslado da factoria a O Grove nom vai implicar despedimentos. As trabalhadoras estão a receber sanções e multas por manifestações e mobilizações.

A empresa proprietária, a vasca Garavilla, quer trasladar a produção e maquinaria de Cuca (sita em Vila Joám) a O Grove, onde já tem instalações. As trabalhadoras querem garantias por escrito de que se manteram os postos de trabalho, tanto das permanentes, como das permanentes-descontínuas e as eventuais. Até o de agora, a empresa nom deu resposta a essa solicitude. Umha empresa que recebeu do governo autonómico 400.000 euros, um governo que nom está a mover um dedo para defender o quadro de pessoal da conserveira.

Desde janeiro, e numa barraca ao pé da factoria pagada pelas próprias trabalhadoras, o quadro de pessoal organiza-se em turnos de 24 horas com só umha finalidade: impedir o traslado da maquinaria da factoria para Ogrove. Estão dis-

postas a manter essa atuação até que a empresa chegue a um acordo com as representantes das trabalhadoras. Mas há uns dias, de noite, cinco furgons policiais com inibidores de frequência cercaram a factoria de Vila Joám (após cortar a estrada) e retiraram a maquinaria. Mesmo os policiais arrinconaram a cinco operárias numha habitação.

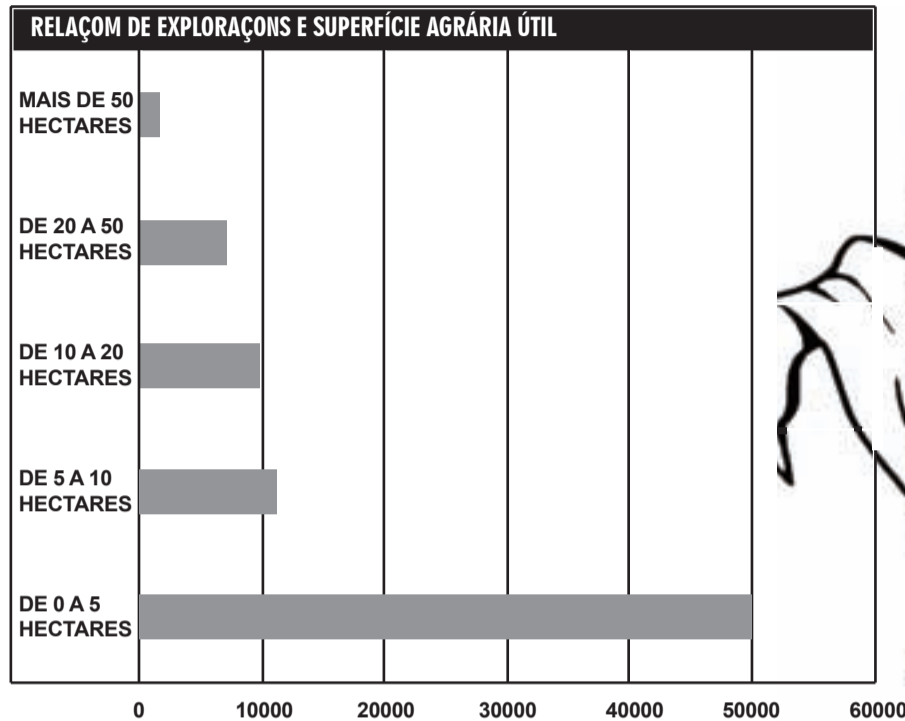
Ao longo destas semanas, as operárias convocaram e protagonizaram diversas mobilizações e protestos. Assim, mais de um milheiro de pessoas concentraram-se em Vila Joám em apoio às operárias.

Fruito de algumas das manifestações, como umha realizada há umhas semanas em Compostela, algumas das trabalhadoras estão a receber estes dias notificações de sanções e multas (de noventa euros) após ser identificadas pola Polícia.

O setor conserveiro é um pilar no tecido industrial de comarcas como a do Salnés e o Barbança, onde representam centos de postos de trabalho, ocupados na sua imensa maioria por mulheres. Desde há anos, este setor está sometido a um processo de deslocalização, com a conseguinte destruição de empregos. As mulheres que trabalham na conserva estão a levar o facho da luta operária na Ria de Arouça, rachando com prejuízos e desmontando mais dumha visom fecha sobre o gênero nas mobilizações operárias.

AGRO

Os gadeiros demandam mais terreno útil para reduzir custos



Procuram-se fincas!

'POLÍTICA AGRÁRIA COMUM' PRIMA AS GRANJAS POLA SUPERFÍCIE

J.R./ O valor de compra da hectare de pastizal sequeiro na Galiza é dum 189% maior que a media do estado espanhol segundo os dados que dá Inquéritos de Preços da Terra do 2011. Aumenta a demanda de terrenos agrícolas, crescem os alugueres e também os preços das fincas no rural das zonas tradicionalmente produtoras de leite e gado (Ordes, Vilalva, Santa Comba, Comarca do Deça...).

As explorações gadeiras desejam aumentar a sua base territorial para poupar na compra de cereais e concentrados aumentando a produção própria, e também entrar com bom pé na irreversível Política Agrária Comum que primará às granjas pola sua superfície.

O Banco de Terras triplicou as solicitudes recebidas neste 2012 fronte ao 2011, contudo, o desmantelamento de orçamento que sofreu o Banco de Terras, converte esta administração em pouco útil para resolver o problema de território abandonado que os proprietários a miúdo resolvem com plantações. Enquanto os gadeiros alertam de que a desorganização do terreno está a ser um problema à hora de aumentar a base territorial. As plantações espontâneas de eucalipto e pinheiro no meio de chao agrícola útil diminui a oferta de solo agrícola e o seu valor produtivo.

No mês de março conhecêrom-

.....
O Banco de Terras triplicou as solicitudes recebidas ao longo do ano 2012

.....
As plantações espontâneas reduzem o solo agrícola

.....

se novas propostas que afundaram nos problemas do setor gadeiro-leiteiro galego. Além de propor suprimir o sistema de cotas para o 2015, as subvenções serão concedidas prestando atenção à superfície que maneja a granja. Tendo em conta o modelo de produção galego que emprega muito pouco território em relação à produção, será unha das zonas menos beneficiadas.

Os sindicatos agrícolas levam demandando mais terreno agrícola útil nas últimas concentrações pela baixada de preço do leite, como solução para paliar a crise e frenar a suba constante dos preços dos cereais.

Nenhuma das últimas intervenções legislativas favoreceu o aumento de terreno agrícola útil, nem a lei de montes, nem as diretrizes, intervemem na incontrollada plantação de terreno lavradio.

A escassez de território agrícola útil é um problema que arrasta Galiza desde toda a sua historia recente, e que foi muito agravado na década de 90 com os Planos de Reforestação Agrária do estado espanhol, subvencionados pola comunidade europeia, que concluiu em montes a esgalha de eucalipto e pinheiro. Contudo, a produção gadeira seguiu a medrar de maneira exponencial enquanto o terreno agrícola útil diminuía.

o Estado espanhol impom umha sangria económica os independentistas

Neste país, dar a cara sae caro

Colabora contra a repressom económica
2091 0395 21 3040001337

ECONOMIA

O chamado Plano de pagamento a fornecedores formula a Administração como simples devedora

AS ADMINISTRAÇÕES LOCAIS VERÃO ESTRANGULADOS DURANTE 10 ANOS OS SEUS PRÓPRIOS ORÇAMENTOS

Pagar fornecedores, hipotecar concelhos

A armadilha do endividamento está a converter a Administração pública num garante do setor privado. No anterior número do NOVAS DA GALIZA expunha-se como a reforma constitucional patada entre o neo-liberalismo e a social-democracia espanholas afoga qualquer prestação social que provenha do Estado para converter este num excelente pagador de dívidas e juros aos grandes especuladores mundiais. Mas não é só numa grande escala, o desmantelamento do setor público que se está a realizar por parte do poder através dos mecanismos da dívida estende-se também às administrações locais. No passado ano, o Governo espanhol punha em marcha o chamado 'Plano de pagamento a provedores', uma medida que formula a Administração como uma simples devedora e que hipoteca durante 10 anos os orçamentos municipais. Na atualidade o Executivo espanhol está a estudar um novo plano destas características.

A.L.R. / Quando em fevereiro de 2012 o Governo espanhol apresentava o conhecido como 'Plano de pagamento a provedores' o discurso de "ter as contas ao dia" voltava ser o grande mantra dos políticos neo-liberais e dos mass-mídia nos que se apoia o poder para a sua construção da realidade. Mas as estratégias de comunicação institucional agacham as práticas e as consequências objetivas que há sofrer a população. O anunciado plano não fixa outra coisa que priorizar o pagamento das dívidas do setor público com os grandes provedores por cima de qualquer outra necessidade coletiva, todo um ataque ideológico agachado baixo as premissas de uma "adequada" gestom contável. Com este plano, o atual governo neo-liberal situou-se de novo como defensor do setor privado, culpabilizando à Administração das dificuldades financeiras das empresas. De facto, na exposição de motivos do Real Decreto-Lei 4/2012, no que se determinavam os procedimentos necessários para aderir



CARLOS NEGREIRA, alcalde da Corunha, cidade que se endividou em mais de 7 millóns de euros através do Plano de Pagamento a Fornecedores

ao plano de pagamento de provedores, insinua-se que os atrasos nesses pagamentos têm "incidência negativa na liquidez das empresas" ou mesmo que dificultam "o financiamento das empresas e a sua competitividade". As intencionalidades políticas do PP espanhol não rematam aqui, constituindo também este plano de pagamento um notável dano para a autonomia das entidades locais e sendo mais uma mostra de como se empregam os mecanismos da dívida para fortalecer um poder centralizado.

Mais dívida

Polo citado RDL 4/2012 e polo RDL 7/2012 estabelecia-se o funcionamento do Fundo para o Financiamento dos Pagamentos a Provedores. Neste último decreto expõe-se que este Fundo dota-se de uns 6.000 milhões de euros, dos que 1.500 milhões seriam desembolsáveis em 2012. Deste jeito, aprovava-se um crédito especial para os Orçamentos Gerais financiado com dívida pública. Também se estabelecia que o Fundo pode captar financiamento nos mercados de capitais nacionais e estrangeiros. Pela sua banda, no RDL 4/2012 obrigava-se a todas as entidades locais a apresentar ante o Ministério de Fazenda de todas as faturas pendentes de pagamento dentro de certos

.....
Corunha deve 7
milhões, Compostela
12,7 e Ferrol 4,7
.....

.....
Corunha terá de
gastar em 10 anos
2,6 milhões em juros
.....

requisitos, como que as faturas tivessem uma data anterior ao 1 de janeiro de 2012 ou que a dívida derive de contratos administrativos de obras, serviços ou subministros. O decreto considera uma falta muito grave não transmitir esta informação ao Estado. Após isto, o Estado espanhol obrigava aos concelhos que não podiam afrontar esses pagamentos a apresentar um plano de ajustamento no que se deveriam recolher os ingressos necessários para afrontar essas dívidas com provedores. É logo deste plano de ajustamento que se passa à operação de endividamento com o Fundo para o Financiamento dos Pagamentos a Provedores, tendo este endividamento um período de amortização de 10 anos, com dous de carência (no que apenas se pagariam os juros). E os juros não são especialmente baixos, senão que serão os mesmos que

os do Tesouro público mais 115 pontos básicos. É dizer, flutua segundo os mercados e provavelmente nunca chegue a estar por baixo de um 5%.

Segundo cifras que foram aparecendo nos meios, perto de 180 concelhos galegos passaram a se endividar. Entre os concelhos mais endividados que se apresentaram ao plano de pagamento atopam-se Compostela, com faturas por um importe de 12,7 milhões de euros; A Corunha, com mais de 7 milhões; Ferrol com 4,7 milhões e Vilgarcía com 4,4 milhões. Curiosamente, todas estas cidades estão governadas pelo PP, enquanto o resto das grandes urbes em mãos de outras forças políticas declinaram endividar-se.

Um exemplo: a Corunha

O concelho que preside atualmente Carlos Negreria, um dos homens do PPdeG que de sempre esteve perto de Alberto Núñez Feijóo, é um dos municípios galegos que se somou ao endividamento para realizar os pagamentos a provedores. E não sem polémica. Da oposição denunciou-se continuamente o obscurantismo em que se desenvolveu a elaboração do plano de ajustamento e mesmo o desnecessário de recorrer a este tipo de endividamento. Assim, denunciava-se que segundo a própria memória do plano o nível de

aforro do concelho corunhês situava-se em 9,2 milhões de euros, de avondo para afrontar os mais de 7 milhões pendentes de pagamento. Na memória reconhece-se esse aforro mas, sem chegar mais dados, assinala-se que esse dinheiro já se acha comprometido. O resultado: através do endividamento A Corunha terá de desembolsar em 10 anos uns 2,6 milhões em conceito de juros, segundo tem denunciado publicamente o BNG municipal.

No mês de março do ano passado, no momento de maior atualidade desta polémica, o portavoz do grupo municipal do BNG, Xosé Manuel Carril, assinalava que "os beneficiários da decisão do Governo local que o levará a endividar-se são os bancos, aos que a Fazenda municipal terá-lhe que pedir os créditos a 10 anos com um 5% de juros". Isto é assim pois o Instituto de Crédito Oficial (ICO), ao que corresponde a administração e a gestom das operações concertadas em base ao Fundo, estabeleceu que as entidades locais que se endividaram neste plano deveriam assinar operações de financiamento com as entidades financeiras que colaboram com o ICO, entre as que se encontram o Santander, BBVA ou Bankia. Eis o resultado final: dinheiro público para a banca.

A TERRA TREME

A tendência soberanista é ascendente e existe a possibilidade de se concretizar como umha maioria antes da consulta

O referendo pola independência da Escócia terá lugar em setembro do ano que vem

'RADICAL INDEPENDENCE CAMPAIGN' DEFENDE UMHA SOBERANIA PLENA E RADICALMENTE DEMOCRÁTICA

Escócia, país que constitui umha das pontas de lança da nova onda de afirmação nacional que está a surgir na Europa ocidental, já tem data para a sua consulta auto-determinista: o dia em questão é o 18 de Setembro de 2014. Paradoxalmente, o momento da eleição afasta-se em só umha semana da data de referência manejada pelo movimento soberanista doutra nação emergente europeia, a catalá. Foi em 11 de Setembro de 1714 quando, com a irrupção das tropas borbónicas em Barcelona, este povo mediterrâneo perdeu, segundo a historiografia e o imaginário nacionalistas, sua soberania.

RUBÉN MELIDE / Foi em 10 de Janeiro de 2012 que o governo escocês, presidido pelo nacionalista Alex Salmond, propujo oficialmente a celebração da consulta. Naquele mesmo mês, o executivo britânico do conservador David Cameron aceitou a realização do referendo, estabelecendo para a mesma um prazo máximo de dezoito meses. Segundo que parece, a celeridade exigida pelo governo londrino responde ao paulatino incremento das posições soberanistas na nação mais nortenha do Reino Unido, o que faz que os apoios à total independência escocesa sejam previsivelmente maiores quanto mais demorar a consulta. Assim, Londres estaria interessado num referendo rápido que restaria apoios à segregação da Escócia da União. Porém, apesar da vontade do governo de Cameron por alterar os resultados- também houve polémica a respeito da pergunta concreta a formular- a atitude do governo da metrópole nom deixa de admirar entre os povos sem soberania que compõem o Estado espanhol.

Apesar de os apoios à independência nom serem polo momento maioritários no país do cardo –os inquiridos falam de algo menos da metade embora com umha grande quantidade de pessoas indecisas-, a tendência soberanista é ascen-



dente, existindo a possibilidade de se concretizar umha maioria antes da data da consulta.

Três séculos de União

Escócia e Inglaterra partilham monarca desde o ano 1603, momento em que o rei Jaime VI da Escócia passou a reinar também no vizinho país do sul sob o nome de Jaime I. Porém, até 1707, as duas nações constituíram coroas separadas, embora ficassem sob um mesmo reinado. Em 1606, 1667 e 1689 houve tentativas de unificar os dous reinos, mas estas nom deram resultado. Já em 1706, o Parlamento da Inglaterra aprovou a Ata de União com a Escócia, sendo no ano seguinte que o Parlamento escocês tornava recíproca a decisão. Foi assim que nasceu o Reino Unido da Grã-Bretanha. A explicação da famosa *Union Jack*, bandeira do Reino Unido, encontra-se neste episódio histórico, tratando-se originalmente da superposição das cruzes de Sam Jorge e Santo André, símbolos respetivamente da Inglaterra e da Escócia, à que mais tarde foi acrescentada a cruz de Sam Patrício em representação do norte da Irlanda. Em 1997, após a umha importante pressão popular, era celebrado um refe-

.....
A Ata de União com a Escócia foi aprovada por Inglaterra em 1706

.....
Existem diferenças sobre como focar a ansiada independência

.....
rendo por meio do qual se reinstaurava o Parlamento escocês.

Diferente focagem a respeito da independência escocesa

Para além do governante SNP, declaradamente social-democrata, apoiam a saída da Escócia do Reino Unido o Partido Verde Escocês (SGP) e o Partido Socialista Escocês (SSP). Este último, fundado em 1998, tem como finalidade a existência dumha Escócia independente e socialista. Nas eleições de 2003, o SSP atingiu 6 cadeiras no Parlamento de Holyrood, que perdeu no seguinte escrutínio escocês de 2007, em que ficou sem nenhum representante a consequência da erosão produzida por umha cisão nas suas filas. Porém, o Partido Socialista está atualmente a recuperar parte da força perdida.

Aliás, nos últimos tempos está a se articular a iniciativa popular *Radical Independence Campaign* (radicalindependence.org), esta pretende empregar a soberania escocesa como alavanca para a consecução dum novo modelo de sociedade, meta que só poderá ser atingida através do apoderamento das comunidades escocesas. Por palavras de Jack Ferguson, impulsor da *Radical Independence*, “a única saída possível ao pesadelo da austeridade e a devastação que viria afetar as economias familiares em todo o país é a possibilidade dum voto afirmativo no referendo de 2014. Se conseguirmos ter umha independência radical e um modelo realmente diferente de sociedade será fruto da luta e a pressão exercida pelas massas organizadas desde abaixo”. A iniciativa sustém que as perspectivas sócio-económicas no cenário dumha Escócia que mantivesse a sua pertença ao Reino Unido som dumha cor mais bem obscura. A RIC pretende dar às pessoas afetadas pela austeridade e a reforma do estado providência à oportunidade de lutarem desde já polos direitos que lhes estão a ser arrebatados. Um exemplo desta situação é a conjuntura em que se encontram as pessoas com incapacidades, sobre as quais para

a ameaça de serem declaradas “aptas para o trabalho”, o qual viria supor a obriga de realizarem “trabalhos para a comunidade” em troca dumha mínima remuneração.

Para além disto, da RIC chamam à reconstrução dos antigos vínculos sociais e da organização comunitária para protegerem o povo escocês da ameaça que supom a crise do capital e a gestão desta por parte de Londres. Ferguson afirma que “precisamos recuperar o associativismo comunitário: associações de inquilinos, sindicatos e redes simples de contactos nos bairros. Isto quer dizer que temos que chegar a conhecer nossos vizinhos. Em síntese, necessita-se da esquerda para implementar umha viragem na a organização comunitária, o que viria significar ganhar também muita mais humildade da que por vezes tivemos no passado e ouvir o que pensa a gente dos bairros sobre os temas importantes”. A soberania alimentar, a posta em valor das terras incultas ou a potenciação das tradicionais instituições comunitárias escocesas também estão na agenda da *Radical Independence Campaign*, cujo olhar se situa numha Escócia independente e igualitária, regida por umha democracia radical num cenário pós-capitalista.

ALÉM MINHO

A Constituição portuguesa conforma um entrave de peso às políticas neoliberais mais desenfreadas

ANÁLISE SOBRE A CRISE DO GOVERNO PORTUGUÊS PERANTE O VETO JUDICIAL A PARTE DOS CORTES IMPOSTOS

Se não há alternativa, inventemos outra coisa

ANDRÉ R.P. SILVA / Que o primeiro-ministro Passos Coelho e este governo não têm qualquer respeito pela Constituição Portuguesa é algo que já sabíamos de há muito, resulta óbvio das políticas que pratica e não seria necessário que nenhum discurso o viesse confirmar.

Ainda assim, na comunicação que fez ao país, no passado dia 7 de Abril, logo a seguir ao anúncio, por parte do Tribunal Constitucional, do chumbo de quatro medidas do Orçamento de Estado, Passos Coelho dedicou a quase totalidade do seu discurso escrito a atacar a decisão do TC, apontando-o como responsável pelas consequências da política que ele mesmo, entenda-se, o primeiro-ministro e o seu governo, levam a cabo, e que estão, a cada dia que passa, a empurrar um cada vez maior número de portugueses para a miséria sem esperança.

Há muito que esta direita revanchista elegeu a Constituição Portuguesa, uma das conquistas da Revolução do 25 de Abril, como inimigo a abater. Portugal tem ainda uma constituição progressista, apesar dos contínuos ataques a que vai sendo sujeita e de



O TRIBUNAL CONSTITUCIONAL lembrou à Troika que a cidadania ainda tem direitos em Portugal

algumas revisões bem contrárias ao seu carácter, e constitui um entrave de peso às políticas neoliberais mais desenfreadas. Por isso a direita a ataca como pode, bem como ao Código do Trabalho.

E, claro está, o governo lá vai dizendo aos portugueses que a austeridade é necessária e que os portugueses serão certamente recompensados por todos os sacrifícios que têm hoje de fazer. Há quem creia que, num país onde a psicologia colectiva é ainda profundamente afectada por um sentimento de culpabilidade de cariz religioso, embustes como este ganham uma terrível eficácia. Não certamente, acrescentaríamos, sem a contribuição em-

.....
A direita elegeu a
Constituição como
inimigo a bater
.....

penhada de muitos dos comentadores de serviço, descaradamente implantados nos telejornais, encarregando-se do catecismo dos incautos.

Já que falamos de embustes, diz-se que terá sido Thatcher (agora certamente entretida em negociações conducentes à privatização do inferno), a autora do famoso “não há alternativa”, com que tantas vezes se procura justificar estas políticas. Não se vá pensar

que elas, as alternativas, não apenas existem, como se vão tornando cada dia mais necessárias.

O caminho, sabemos-lo por experiência, é longo e difícil. Ela exige que nos unamos para pôr fim a este estado de coisas. Que nos possamos juntar nas lutas de todos os dias. O duro golpe que constituiu a eleição deste governo não é irreversível, mesmo que a conjugação de forças seja actualmente perversa para os trabalhadores e o povo. A direita está no poder e apoderou-se mesmo do principal órgão de soberania, a presidência da república, onde cumpre o seu segundo mandato o maior dos carascos da classe trabalhadora

portuguesa que, anos atrás, enquanto primeiro-ministro, tanto prejudicou a produção nacional, as pescas, a agricultura.

Vem ele agora afastar, no contexto da convulsão social que vivemos, um cenário de crise política. Se soubesse e quisesse interpretar as legítimas aspirações dos portugueses, a sua obrigação seria deixar cair este governo e convocar já eleições, como pede a generalidade das forças progressistas e dos democratas deste país, incluindo o PCP e Bloco de Esquerda.

Quanto àquele que é o maior partido da oposição, seria bom para a democracia portuguesa que pudesse sê-lo de facto. O problema não estará apenas, é claro, na sua anódina liderança, embora esta não ajude. Não serei certamente o único a ter dificuldade em compreender neste momento a natureza do seu projecto político, quando a sua prática o contradiz tão profundamente.

O problema em Portugal é, neste ponto, semelhante ao dos demais países da Europa mergulhados nesta crise estrutural do capitalismo. Para a superarmos, precisamos de lutar lado a lado. Como dizem as palavras de ordem, é preciso, é urgente, uma política diferente.

POVOS

Um povo turcófono e nómada, com pacíficos e nom servis habitantes numhas cidades comerciais milenárias e nuns oásis fertilíssimos

Uigeristám contra a fronteira do colonizador

JOSÉ ANTON 'MUROS' / Território histórico da Rota da Seda, cruze de caminhos e lugar final de distintas civilizações (turquesa-muçulmana, chinesa, russa), esta parte do imenso território do Turquestám é considerado polo poder despótico chinês umha nova fronteira onde desenvolver umha indústria extractiva e transformadora para um estado sedento de matérias primas. Os gasodutos e oleodutos (que vam de ali até a costeira Xangai) e as vias férreas, estradas e auto-estradas e novas cidades construídas ao redor delas estão planificadas num desenvolvimento de fora, alienante, que promove umha massiva migração chinesa Ham.

Um deslocamento povoacional agressivo vinculada a umha economia vertebrada ao redor dos interesses das elites do Estado, do exército, das grandes indústrias.

O Velho Turquestám, um território imenso habitado por nómadas e habitantes de cidades comerciais e oásis, quer ser reduzido para seus colonizadores a guetos e degradação. Umha política e umha economia voraz e nom auto-centrada no território mostra-o.

É esclarecedor que os chineses chamem a esta suposta província autónoma Sinkian (Nova Fronteira em Chinês mandarim), umha suposta nova fronteira de desertos despovoados e enormes e cordi-

.....
A China procura aqui
obter e transformar
matérias primas
.....

lheiras montanhosas como a do Tiam Sham, içada de verdes oásis e cidades comerciais com amáveis habitantes; com um povo que além dos novos colonizadores é maioritariamente turcofono: os Uigures som a etnia maioritária seguidos dos também turcofonos Kazajos e dos chineses de religiôm islâmica e tradiçom comercial denominados Hui e islâmico nom rigorista. Um povo que reclama por meio da

auto-organização da sua gente nos seus povoados rurais, nos bairros, nas povoações nómadas ou na diáspora a sua liberdade e independência. As mesquitas e os centros culturais som lugares de ativismo e encontro (reprimidos). Há umha ativa diáspora coordenada que dos EUA, Turquia ou de forma mais sinuosa nas repúblicas do Turquestám Ocidental (acordos económicos dos seus dirigentes com os dirigentes chineses) dá dinheiro e coordena fundos para umha resistência social e armada no próprio território de Uigeristám que se enfrenta com orgulho de ser e sem medo com um grande Goliat.

O Uigeristam é turcofono e nó-

mada, com pacíficos e nom servis habitantes numhas cidades comerciais milenárias e nuns oásis fertilíssimos. Sabem que o tempo está com eles é com umha cultura adaptada a um território que mostra no passo dos dromedários e cavalos o som do ar, dos desertos e das montanhas. Sabem que no tempo houvo outros colonizadores que com o vento se fôrom (antigos gregos, antigos chineses, mogoles, persas, russos, ocidentais...) e que eles quedárom. Na face dos seus anciaos e anciás sabemos que sobreviverám a este último império e terám como bem di Rebijje Qadir (a Mandela Uigur e considerada como mai da naçom). Um Uigeristam livre.

DITO E FEITO

As redes sociais servem-lhes para expor as suas peças e o que mais valoram é a gestom do seu tempo

Artesanato para combater a crise

O NOVO PERFIL DE ARTESAO É UM JOVEM COM TITULAÇÃO UNIVERSITÁRIA E DESEMPREGADO

MARIA ÁLVARES / Para enfrentarem a crise, moços e moças fam das suas afeições umha ajuda em tempos difíceis. Recuperam-se ofícios tradicionais e experimenta-se com a arte moderna.

A crise foi o ponto de inflexom para darem livre curso à sua criatividade e, a nom ser por ela, a maioria nom teria encontrado tempo para se dedicar a isto. As redes sociais e os postos na rua som o seu escaparate. O boca a boca fai o resto da publicidade de que necessitam para se dar a conhecer. O que mais valoram da sua nova dedicação é que som donos do seu tempo e que é um trabalho em que podem expressar ao máximo a sua criatividade. E o que mais apreciam os seus clientes é que compram peças únicas, cento por cento galegas e de qualidade, atributos que nom se encontram nas grandes superficies.

Moda para crianças

Henar Caverio conta que ao ter um menino se deu conta que nom queria voltar ao trabalho anterior: conservadora e restauradora de arte, “algo mui inseguro e itinerante”; de maneira que procurou umha atividade que lhe permitisse estar com a criança o tempo todo. Há dous anos pegou pola primeira vez numha máquina de coser e desde entom nom a soltou. Foi assim que nasceu O Sol de Inverno, a marca com que desenha roupa para bebés e crianças. A prova de fogo foi a Feira da Primavera do bairro compostelano de Sam Pedro, ali montou um posto conjunto com umha amiga, mas antes trabalhou arreu dous meses cosendo e desenhando: “Figemo-lo para provar, e afinal foi-nos bastante



ARMANDO CARRIL criou 'Agasallarte' e fai graffitti por encargo

bem!”. O êxito animou-na a continuar. Agora desenha de todo: calças, vestidos, chapéus, petos, sacas de merenda, sacas para guardar cueiros e mais. Encarrega-se de todo, di-nos. “É bastante rápido, porque gosto de ver os resultados decontado! Corto quase sempre diretamente sobre a teia, sem padrom, e o resto vai só”.

Di que ainda nom lhe dá para viver já que o investimento em teias é mui grande, mas é umha ajuda importante para a economia familiar. O que para Henar nom tem preço desta atividade é que a pode fazer em qualquer lugar e que é ela quem organiza a sua jornada laboral. “Ademais de ser mui criativo, é também mui satisfatório ver nas crianças roupas que lhes figeche com as tuas próprias maos”.

Obreiro e pintor

Fran Fernández fijo-se pintor de rua quando perdeu o trabalho de chefe de obra em que trabalhara durante dous anos e meio. “Tinha de procurar algo que fazer e ao mesmo tempo queria dar um giro à minha vida e buscar atividades mais agradáveis e menos stressantes”. Sempre tivera jeito com

a pintura, de modo que quando ti vo um pouco de tempo a retomou. “Comecei a expor na rua. Em Compostela, nas épocas de verao, há muita gente que olha as minhas pinturas, e mentres vendo, também podon pintar”.

As vistas da cidade servem-lhe de inspiração, e continua aprendendo. “Vou mudando de estilo cada pouco, mas os meus referentes som artistas das vanguardas: Malevich, Mondrian, Klee...” A pintura tampouco lhe dá para viver, por isso deve conciliá-la outras actividades e o que mais aprecia é a satisfacão pessoal. “É incomparável, isto é um labor artesao em que tu te ocupas de todo o processo, o que me permite desenvolver-me criativamente. Ademais, nom concordava com as práticas económicas que se dam no mundo da construção, por isso procurei esta alternativa, aqui ninguém sai prejudicado senom todo o contrário”.

Graffitti por encomenda

Armando Carril, como Fran, também escolheu a pintura; mas com spray. “Agasallarte começou dumha maneira um tanto difusa, sempre gostei de debuxar, do de-

senho gráfico. Comecei fazendo estarcidos a modo de passatempos, inspirado nas técnicas que fum investigando na rede até dar com o estilo que desenvolvo a dia de hoje. Fitem algum que outro debuxo até que um dia umha amiga me perguntou se lhe podia fazer uns quadros para fazer uns presentes, essa foi a primeira vez que apareceu a minha afeição com um aliciente económico, e desde aquela até hoje”.

Armando expom os seus trabalhos no Twitter, Facebook ou nas feiras de Artesanato. A maioria som por encomenda, baseados em fotografias da sua clientela, e quando trabalha por conta própria inspira-se em paisagens galegas ou referentes artísticos e culturais, “como Castelao ou Rosalia, ou ícones do cinema e da televisom. Nunca sabes qual vai ser a temática do próximo quadro que fás, podos estar a ver qualquer cousa na imprensa ou na rede e pensar: isto ficaria genial levado a um lenço!”. Armando estudou Ciências Políticas e de momento concebe a Agasallarte como umha ajuda económica, já que o custo dos materiais para trabalhar é

“É satisfatório ver nas crianças roupas que figeche com as maos”

mui elevado. Por enquanto trabalha no baixo que lhe emprestou um amigo. As diferenças com a carreira que estudou som muitas mas nom a acha a faltar: “O que estudas numha carreira como a minha está mais focado para o cálculo de oportunidades, a administração, ao estudo de campo... mui longe da criatividade, da espontaneidade e da inspiração que requer o mundo do Artesanato”.

Brinquedos tradicionais

Trás da Bicolico agocha-se Diego Iglesias, que focou a carpintaria na recuperação e fabricação de brinquedos tradicionais. Vende os seus produtos nas feiras de Artesanato, na rede e em duas lojas de Riba-d'Ávia e da Caniça. A madeira e os produtos naturais som a essência do seu trabalho. O mais importante dos seus brinquedos, conta Diego, é que tenhem um carácter didático e ajudam a estimular as habilidades para o autodesenvolvimento e a criatividade dos meninos e meninas. “Cada quem pode encomendar a peça ao seu gosto através da Internet, assim cada juguete é único”.

Ademais, estão baseados nas ensinanças de pedagogos da escola Montessori e Waldrof, “que destacam a importância da madeira nos jogos dos mais pequenos, aprendem pola experiência e pola repetição sistemática, o que lhes ajuda a conhecer-se a si mesmos, a coordenarem os seus movimentos e a controlar as suas ações”.

O IMPERIALISMO JÁ NOM É INVENCÍVEL

Leia e subscreva-se a:

RESUMEN

Um projecto comunicacional com 15 anos de existência que serve para enfrentar o discurso dos poderosos

Correio: resumenlat@yahoo.com.ar
Telefone: 630262156

O POZO

ruela das ánimas 1
compostela * galiza

bar **faluya**

Orzán 75,
A Coruña

NOVAS DA GALIZA

também no **facebook**

Junta-te a nós para estares ao corrente das novidades do NGZ

A DENÚNCIA

Empresas de investimento pretendem fazer das aldeias galegas umha mercadoria de luxo

Jornais espanhóis fam campanha pola conversom da Galiza noutra Costa Azul

UMHA SÉRIE DE REPORTAGENS ILUSTRAM O 'FENÓMENO' DA COMPRA DE ALDEIAS POR MILIONÁRIOS

“A Galiza pom à venda as suas aldeias abandonadas”; “Mais de 20 aldeias galegas colocam o cartaz de 'Vende-se'”; ou que están “no ponto de vista dos investidores”. Assim titulavam recentemente La Voz de Galicia, El Correo Gallego e mais o madrilenho ABC reportagens sobre a suposta 'febre' de compra por parte de cidadãos de economias ricas de populaçoms rurais galegas. Logo, citam um par de casos de compras deste tipo, algunha empresa -na verdade, em todos

os casos umha - à qual dalgum jeito estão a fazer umha promoçom. Seja de forma propositada, escondendo umha promoçom comercial, seja por desleixo e nugalha de quem assina, que se contenta com conteúdos bem envolvidos por algum gabinete de comunicaçom habilidoso, o caso é que nas últimas semanas meia dúzia de páginas estiverom a contar à gente o interessante do mercado de aldeias como produtos de luxo para estrangeiros ricos.

XOÁN R. SAMPEDRO / Som, segundo as últimas contagens, 1.408. Mais de mil e quatrocentos núcleos de populaçom sem populaçom, centos e centos de aldeias sem gente, das quais agora um par de páginas web tenhem em catálogo duas dúzias, à espera de comprador, e das correspondentes comissoes como intermediário. E, porém, as redaçoms decidem apontar os olhos para um fenómeno menor e convertê-lo no foco da notícia, mesmo logo contradizendo-o nas peças jornalísticas. Assim acontece com La Voz de Galicia, que numha reportagem recente perguntava à socióloga Antía Pérez Caramés, professora da Universidade da Corunha. Esta di que “observando os dados da imigraçom do Reino Unido de pessoas maiores de 60 anos, verifica-se que de 1998 a 2011 só fôrom 200 pessoas”. Mas isto fica escondido num tom geral da peça jornalística que fala do 'desembarque' de investidores e pom a esperança no grande número de chamadas recebidas para se interessarem polos núcleos à venda.



ANÚNCIO DUMHA WEB dedicada à venda de aldeias: “Impresionante aldea, 3 casas, anexos, e 18 ha de terreo, só 180.000 euros. A 15 km de Ortigueira”

Destacam que Galiza é mais barata do que Catalunha ou Castela

Disfarçam como informaçom a promoçom imobiliária

e transformá-la em dinheiro.

Por isso, sem analisar para nada a realidade, as 'reportagens' que publicam esses media viram ao redor do fascínio provocado polos 'empreendedores' que venhem salvar-nos com páginas web e clientes foráneos. Também nom atendem para nada à realidade dos preços e a influência deste tipo de nova borbulha neles. Lembam com patente alegria, isso sim, o facto de a Galiza ser para os compradores estrangeiros “mais barata do que a Catalunha ou Castela”. Eis o melhor que os media do sistema, quer por vocaçom ou por nugalha, conseguem ver no rural galego.

'Eco-aldeias' e 'casinhas para passar uns dias', todo o mesmo Mais umha amostra da escassa seriedade com que venhem tratadas estas informaçoms é misturarem num barulho de citaçoms alhos com bugalhos. Assim, como o tema é que a gente rica com divisas que paga polas nossas pedras, na mesma 'reportagem' aludem a um projeto de eco-aldeia, que funcionará com trabalho voluntário e produzirá alimentos numha horta própria e misturam-no com a referência a “um escritor francês mui famoso” que anda a procurar umha casinha de fim de semana. Para quem redige, semelha que o ciclo vital das casas remata no momento em que os seus e as suas herdeiras conseguem ao fim libertar-se da 'carga' que representam,

Media e dependência (mais umha)

X. R. S. / De novo, os média reparam no 'interesse' de “ingleses, noruegueses, árabes e norteamericanos” polo rural galego abandonado. Desta volta, três jornais que em cousa de duas semanas tiravam algo que talvez considerem reportagens, mas cujos conteúdos som sobretudo promoçoms comerciais encobertas dalgumhas empresas à procura dum nicho de mercado. Três jornais que se ponhem ao serviço da criaçom e alimentaçom dum mito, o dos milionários que vam vir de fora mercar a nossa terra, que agora tem árabes ou escandinavos no papel que dantes correspondeu aos 'da cidade' ou 'os de Madrid'. A realidade, porém, indica antes que, mesmo dando credibi-

lidade à afirmaçom publicitada polos ditos meios de que é 'um mercado em alta', este tipo de compras som anedóticas.

E mesmo assim, os média contribuem para alargar a imagem dum 'fenómeno' que, se bem se ajuda da rede para ampliar-se, nem é novo nem é o futuro para o rural do País. Ainda, como se assinalava numha recomendável publicaçom do blogue Capítulo Cero, sob o título 'O drama demográfico e o falso interesse dos británicos', reportagens que exageram deste jeito “acentuam a cobiça do vendedor por crer que aparecerá um rico que lhe pagará a preço de ouro um lugar asilvestrado”. Enquanto famílias galegas com vontade de voltar ao campo

topam com dificuldades para aceder a habitaçom num preço razoável, os média fam o jogo a empresas para as quais a desertizaçom ou repovoaçom do rural é mais um investimento (compre assinalar que a empresa matriz do portal mais citado nas 'informaçoms' -ao que nom imos continuar a publicar aqui- é chamada de 'Sacapartido.com - Brokers online'). E da Junta da Galiza e das políticas públicas nem se sabe nem se espera, como é sabido. De modo que o País continuará a cair aos pedaços enquanto espera polos xeques árabes ou os engenheiros suecos que fam fila no Pa-dornelo para nos encher de ouro em troca dum 'remanso de paz'.

A EXAME

Vários acionistas da companhia denunciam que a dívida era conhecida por parte do conselho de administração e os bancos

Pescanova: o bom nom sempre saí tam bem como nos queremos vender

O BANCO SABADELL VENDEU DOUS DIAS ANTES DO CONCURSO BOA PARTE DAS SUAS AÇONS

Nas últimas semanas, a atenção mediática e económica estivo centrada na situação da multinacional Pescanova. A empresa, sediada em Vigo e presidida por Manuel Fernández de Sousa-Faro, acaba de solicitar um concurso de credores (antiga suspensom de pagamentos) numha situação que, segundo apontam várias fontes, é mais um caso de convivência política e económica, em que vários dos atores implicados que agora están a pelear-se polo poder da firma conhe-

ciam de abondo o estado da dívida da Pescanova. A notícia apanhou por surpresa a sociedade já que a Pescanova passou de ser umha empresa supostamente solvente que reportava grandes lucros a ter umha dívida dentre 1.500 e 3.000 milhões de euros. Todo isto com o beneplácito da Junta de Galiza, da qual a empresa recebeu milionárias subvençons, e com a incerteza do que acontecerá com os 1.000 postos de trabalho direto que tem na Galiza a multinacional do peixe.

XAVI MIQUEL / Há dous meses, a Pescanova era umha empresa com uns lucros líquidos de 29,4 milhões de euros nos nove primeiros meses do ano, com umha revalorização de 24% em bolsa e as suas ações estavam cotadas a 17,4 euros. Além disso, acabava de fazer umha ampliação de capital de 125 milhões de euros. Agora, a Pescanova é umha sociedade em concurso de credores, com umha dívida que os últimos dados situam em perto dos 3.000 milhões de euros e com as suas ações em bolsa em 4,7 euros, após a suspensom feita pola Comissom Nacional do Mercado de Valores (CNMV). Isto é, o valor das ações desceu 70%.

Dentro do conselho de administração as denúncias som várias. Por umha banda, o presidente da empresa, Sousa-Faro, denuncia que há um *complô* de vários membros do conselho de administração (comandados polo presidente do grupo Damm, Demetrio Carceller) para tomarem o controlo da empresa. Segundo denunciou Sousa-Faro, um dos problemas seria a compra dos bónus de refinanciamento que a empresa emitiu e que se están a vender num mercado secundário. Pola outra banda, o grupo presidido por Carceller (onde também están o presidente do Banesto e o filho do presidente do Nova Galicia Banco) denuncia que Sousa-Faro ocultou dados e informações sobre a contabilidade da companhia.

Ao mesmo tempo, a Pescanova denunciou e despediu a sua auditora de referência, a empresa BDO, por nom auditar corretamente as contas da firma. Aliás, a empresa também está no ponto de mira por umha dívida interna que poderia chegar a 600 milhões de euros, umha dívida de várias empresas da companhia sediadas em paraísos fiscais, polo que algumas fontes também apontam para



umha desviação de fundos.

Ora bem, segundo fontes acionárias consultadas por este jornal, a situação da companhia era conhecida polos grandes acionistas do conselho de administração que agora están em guerra, polos bancos credores e mesmo também poderia ser conhecida pola própria Comissom Nacional do Mercado de Valores (CNMV), além de por certos setores políticos. As mesmas fontes asseguram que nos últimos balanços de contas as exportações da Pescanova fôrom duplicadas e até triplicadas para se fazerem quadrar os números sem que ninguém apresentasse nengumha queixa. Outra linha que fai pensar nesta convivência é a venda de ações do Banco Sabadell dous dias antes de se apresentar o pré-concurso de credores, num momento em que a valorização da companhia aumentava de 4%.

Certamente o Banco de Sabadell é o principal credor da Pescanova com 200 milhões de euros, seguido pola Nova Galicia Banco por 150 milhões de euros. Ademais, a entidade galega tem 26% das ações da companhia e até a ocorrência deste conflito sempre

.....
Mais de 100 milhões de subvençons nos últimos 10 anos

.....
Nos últimos balanços de contas as exportações fôrom até triplicadas

foi umha fiel aliada das atividades de Sousa-Faro. Finalmente, estas fontes assinalam que o pré-concurso poderia ter sido a tentativa doutras entidades maiores (como o Banesto) para assaltar umha das companhias pesqueiras maiores a um preço de saldo.

100 milhões em subvençons

Além disto, há que ter em conta que a Pescanova é umha das empresas privadas com mais ajudas públicas na história da Junta da Galiza. À falta de dados oficiais do conselho de contas e da própria empresa, no NOVAS DA GALIZA figemos umha aproximação de mais de 100 milhões de euros nos últimos dez anos que fôrom parar para empresas relaciona-

das com a Pescanova, boa parte destes, de fundos provenientes da União Europeia.

As principais ajudas fôrom para o desenvolvimento do setor aquícola, muito criticado por boa parte da pesca artesanal galega. Umha das empresas que recebeu mais dinheiro foi a Insuamar –unicamente no ano 2006 recebeu 25 milhões de euros de ajuda direta da Junta –, depois de que a Pescanova comprara esta entidade encarregada da planta aquícola de Jove dedicada à produção de dourada, olhomol e outras espécies. Outra das empresas beneficiárias das ajudas à aquícultura foi a Insuíña, que recebeu mais de 6 milhões de euros para a construção dumha granja marinha em Santa Maria de Oia (Mougas). Também a Pescanova Chapela recebeu 13 milhões de euros que a Junta deu para construir outra instalação aquícola. Há que ter em conta que todas estas subvençons foram financiadas com os fundos europeus do Instrumento Financeiro de Orientação da Pesca (IFOP). A parte das ajudas a aquícultura, também há um setor importante de ajudas à renovação das instalações ou de maquinaria, como por exemplo os

4,5 milhões que a Conselharia das Pescas outorgou em 2006 à sucursal Frivipesca Chapela.

O nervosismo das trabalhadoras

Pola parte das trabalhadoras, segundo aponta o secretário nacional da FGAMT-CIG, Xosé Fernández, a situação é dumha “extrema impotência” já que cada semana está a aparecer umha nova questão e as trabalhadoras nom têm mais informação da que sai nos meios. A central nacionalista reclama a apresentação das contas e dum plano estratégico para renegociar a dívida. Também estão preocupados polos salários e os postos de trabalho, já que pouco antes de anunciar o pré-concurso, congelárom ou diminuírom os soldos nas várias empresas, enquanto os diretivos e os membros do conselho de administração se aumentavam os salários a si próprios em 15%. Ademais, afirmam que a situação de apoio ao presidente da companhia nom é a mesma que há um mês, quando o pessoal emitiu um comunicado para defender a direção, e que este ponto agora seria difícil devido ao sentimento de engano que tem o plantel.

Os tentáculos da companhia

SOUSA-FARO TAMBÉM É PROPRIETÁRIO DA INAER INVERSIONES, QUE CONTROLA OS HELICÓPTEROS DE SALVAMENTO

“Tomou decisões valentes quando se pensava que a Galiza nom era um território próprio para as grandes iniciativas, tomou-nas quando o seu setor viu mudar as condições internacionais em que operava e tomou-nas em momentos de crise em que todo parece levar ao catastrofismo”. Com estas palavras definia o presidente da Junta de Galiza, Alberto Nuñez Feijoo, a Manuel Fernández de Sousa-Fa-

ro na entrega do galardom de galego do ano organizada por ‘El Correo Gallego’ em 2010. E certo é que desde que pegou nas rédeas da firma, Sousa-Faro tem sido umha pessoa de grande influência, tanto em Vigo como na Galiza. Destas influências surgírom conflitos com as suas empresas, tanto dentro como fora do País. Revemos alguns desses conflitos agora que a figura está a ser questionada.

X.M. / A Pescanova foi fundada em Vigo no ano 1960 por José Fernández López e a sua família. Procedentes de Sárria, durante o franquismo fôrom umha das mais importantes fornecedoras de carne para toda a zona fascista e os exércitos franquistas, cousa que lhes valeu boas disposições comerciais durante a ditadura. Foi em 1980 que o atual presidente, Manuel Fernández de Sousa-Faro (filho do fundador) chegou à presidência e reestruturou todo o conglomerado de empresas, saindo a bolsa em 1985 e começando umha expansão por todo o mundo que a iria transformá-la na empresa multinacional que é hoje em dia.

O poder em Vigo

Na cidade que viu nascer a multinacional, sempre fôrom boas as relações entre o poder e o seu presidente. Nom por acaso, Sousa-Faro é membro diretor do Clube Financiero de Vigo, grupo da elite económica e social da cidade que lhe deu ademais a sua medalha de ouro. Também é membro de várias fundações como a Fundación Porto de Vigo ou Vigo en Deporte. É de salientar que é um dos principais fomentadores dos desportos de elite em Vigo, como a hípica -é presidente executivo do Comité Organizador da Copa do Mundo de Salto de Obstáculos- ou as regatas de vela e desportos aquáticos. É justamente nesse setor que Sousa-Faro tem boa parte do seu negócio, além do setor alimentar, e onde se concentram as principais irregularidades na cidade. Em 2001, através da firma Astilleros y Construcciones Lagoa, começou a construção do porto desportivo de Ponta Lagoa, que, pondo de parte as denúncias apresentadas por associações vizi-



MANUEL FERNÁNDEZ DE SOUSA-FARO é presidente do grupo Pescanova

nhais, ambientalistas e mesmo do Concelho de Vigo, foi declarada ilegal pola Audiência Provincial de Ponte Vedra e tem duas ordens de derribo. Desde aquela e conforme foi avançando o porto, as irregularidades fôrom umha constante e as críticas e sentenças desfavoráveis também; mas o porto e o seu projeto seguem o seu caminho. Ademais, neste porto está a sede do Clube Náutico Marina Ponta Lagoa (presidido por Sousa) e várias tendas e comércio regidos polo capataz da Pescanova, como a empresa dedicada a vender iates de luxo, Yatesport.

Amizades perigosas

Na sua dilatada trajetória no mundo empresarial, Sousa-Faro tem coincidido com diversas relações comerciais suspeitas. Umha destas relações é Jose Alberto Barreras Barreras, que tem 4% das ações de Pescanova e onde a sua filha, Ana Belén, é membro do conselho de

.....
O porto desportivo Ponta Lagoa de Vigo foi declarado ilegal

A Junta favoreceu o projeto de piscifatoria em Tourinhám

administração. Barreras foi o principal acionista da empresa Pebsa (Pesquerías Españolas del Bacalao), umha empresa que foi o primeiro grupo de bacalhau a nível europeu e que a princípios da década de 90 apresentou umha suspensão de pagamentos que a levou à quebra absoluta vários anos depois, num processo mui similar ao que hoje afronta a Pescanova.

Ademais a família Barreras, com quem se compartilham alguns membros mais de conselhos de admi-

nistração, está intimamente ligada através de empresas como Transpesca -dedicada ao setor pesqueiro em Vigo- com Ramón Fernández-Tapias, irmao de Francisco Fernández Tapias que apareceu envolvido numha trama de narcotráfico junto ao narco Pablo Vioque, que saiu do porto de Vigo. Neste sentido há que ter também em conta a relação com o empresário Manuel Rodríguez Vázquez, dono da Rodman Polyships e que o Serviço Aduaneiro submeteu a empresa a umha investigação ao ter indícios claros de que nas suas instalações de Moanha estavam a ser descarregadas grandes quantidades de cocaína (NOVAS DA GALIZA nº30). As relações de Rodríguez ultrapassam a sua condição de sócio da firma, já que um dos homens fortes da Pescanova, Alfonso Rodríguez Paz-Andrade, pertencia ao conselho de administração da Rodman e a antiga Caixanova.

No nível comercial também

cumprir destacar as denúncias de amiguismo, no campo de salvamento marítimo, a umha das empresas da família Sousa-Faro: Helicisa, filial da Inaer Inversiones. Com mais de 50% das ações controlam uma holding que monopoliza 70% do negócio dos helicópteros em todo o Estado.

Cabo Tourinhám e diversas denúncias em meio mundo

Lembremos por fim o caso do Cabo Tourinhám, onde a Pescanova sempre quijó fazer umha grande piscifatoria, numha zona de alto valor ambiental. Depois de várias tentativas, ameaças e deslocalizações para Portugal, a Junta declara em maio de 2011 a aquicultura como de “interesse público de primeira ordem na Galiza” e um mês depois publica o Plano Diretor da Rede Natura 2000, autorizando este setor em várias zonas do litoral protegidas pola máxima figura ambiental europeia. Com esta declaração, os entraves legais à piscifatoria que desde há anos quer construir a Pescanova no Cabo Tourinhám desaparecem quase por completo.

A nível internacional, também som contínuas as denúncias que a multinacional do peixe tem recolhido em meio mundo. Para pôr só alguns exemplos, está o deslocamento forçoso de milheiros de pescadores artesanais na Nicarágua pola construção da maior instalação de processo de camarom da América do Sul. Atualmente, a Pescanova regista 70% da pesca do camarom. Também um tribunal dos Estados Unidos sentenciou que a Pescanova devia pagar 1,7 milhons de dólares e entregar toda a pesca-preta de contrabando que tentou vender a esse país.



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Nome e Apellidos Tel.

Endereço C.P.

Localidade E.mail

N.ºConta

Junto cheque polo importe à ordem da A.C. Minho Media

Subscrição + livro = 35 €

Subscrição anual = 24 €

Subscrição + pack bilharda = 30 €

Subscrição + duplo pack bilharda = 35 €

Assinante Colaborador/a = €

ASSINATURA

Agora aqui e depois

CUMPRE CONSTRUIR TECIDO POPULAR QUE ENCHA OS ESPAÇOS QUE VAI DEIXANDO A ADMINISTRAÇOM

César Caramés

Agora

Agora, a monarquia “campechana”, o rei que salvou a democracia, a familia real cristá, virou num ninho de ladrons onde o auspicio do golpismo convive com os sete pecados capitais para cada vez mais cidadania. O melhor embaixador do estado transformou-se no parente cheias que envergonha a familia na festa da paróquia. Nos corredores do regime, a sucessionem espreita preocupada.

À transiçom exemplar esboranchou-se-lhe a maquilhagem. Umha ditadura de duas faces, serva da oligarquia e inamovível graças a um desenho ad hoc, já se perfila evidente para a maioria da populaçom. O grau de corrupçom geral, desde o governo do estado até o último concelho rural, provoca a identificaçom sem matizes do político profissional do regime com o malfeitor.

Uns corpos policiaes que malham, torturam e incriminam nos de abaixo com mais desvergonha que nunca; umha justiça que seqüestra dissidentes políticos ou que castiga reinsertos enquanto garante a imunidade de banqueiros e terroristas de estado som já temas freqüentes nos faladoiros populares.

E por cima de todo, a aboiar como um abutre faminto, a miséria. “Sem trabalho e sem serviços públicos que nos amparem”, escrevem no futuro imediato os olhares de em baixo. E cresce um moumeio: para a banca, para os partidos do regime, para as empresas beneficiárias da corrupçom, para eles os milhons pagos por nós, polos expulsos das casas, polos que fugimos do país, polos que esmo-

.....
 “Umha justiça que seqüestra dissidentes políticos ou que castiga reinsertos enquanto garante a imunidade de banqueiros e terroristas de estado”

lamos escravitude e delinquimos para alimentar familias... polos que nos suicidamos.

Aqui

Aqui, a auséncia de decisom sobre a nossa economia diferenciada expujo-nos ao arbítrio dos interesses oligárquicos espanhóis e europeus. A administraçom e o tijolo suavizárom a castraçom económica do nosso país um tempo. Com a crise, a desfeita ficou ao ar. Esta é umha terra rica, capaz de fornecer-nos bem-estar aos que a habitamos e até solidariedade a outros que a precisem. Mas emigramos e padecemos necessidade porque somos de aqui e a decisom sobre a exploraçom da nossa riqueza sempre se toma por e para o alá acima.

A dispersom demográfica, o melhor jeito que atopamos para aproveitar os recursos do País por milénios, esse apeamento ao território como mecanismo indefectível de sobrevivência, foi atacada sem dó. A sua maior eiva, o desajuste com os modelos do estado espanhol, umha armaçom administrativa à imagem de economias e territórios radicalmente diferentes dos galegos. Hoje, um rural de terras férteis e abandonadas aguarda a apariçom das multinacionais enquanto a necessidade se



espalha e mesmo dá em fame nas cidades da Galiza.

No entanto, as castas intermediárias do franquismo perduram indemnes no controlo institucional do território autonómico. Arrivistas, pilhabáns e feirantes figérom-lhes um pé na construçom do piar “esquerdo” na renovaçom bipartidista da ditadura. A compra de votos e meios de comunicaçom constituem o motor da nave. Sobre todos eles sustentam-se no narcotráfico, a depredaçom colonial dos recursos, o espólio dos bens e serviços públicos, a submissom à troika e aos fantoches de Madrid...

Assim, o ataque aos nossos sinais de identidade é-lhes primeiramente umha necessidade prática, a extirpaçom do perigo da tomada de consciéncia cívica. Um sistema alicerçado no feudalismo eleitoral precisa de vassallos, nom de cidadania. Por isso é imprescindível que nos envergonhem do que nos identifica ante o mundo, que sintamos a marca de inferioridade inata, que reneguemos da memória e da língua que nos fam

comunidade, que nos rendamos à dialéctica indígena/homem branco... O vassallo deve interiorizar a sua inferioridade ante o senhor. A guerra actual contra a identidade galega é a guerra contra a democracia na Galiza.

Depois

Há muitos possíveis “depois” mas apenas num poderemos viver apropriadamente como cidadaos. Só haverá trabalho digno nesta terra se recuperarmos a capacidade de decisom sobre a nossa economia e a sua especificidade, se a colocarmos ao serviço do bem-estar colectivo. Temos que ser nós, habitantes da Galiza, únicos administradores e beneficiários dos recursos do seu território. Qualquer alternativa “democrática” que ceda essa capacidade a representaçoms foráneas posterga-nos a interesses contrários. A soberania galega é imprescindível para que haja emprego e serviços públicos no País. Nom se trata de reivindicar essências e bandeiras, trata-se de sobrevivência.

Este “depois” nunca vai chegar destas instituiçoms. Toda a estrutura vertical e institucionalista dos partidos favoráveis a umha ruptura democrática deve ser transformada. Nom há volta atrás, o chamado estado de bem-estar nom é salvável, teimar em fórmulas dirigistas focadas a ele só empece o “depois”. Umha democracia nova e aberta, participativa e plural, tem que nascer além das instituiçoms oficiais. Nom vai ser umha mesa de partidos nem umha coligaçom eleitoral quem no-la traíam. Porém, é indispensável o impulso e a submissom dos partidos a essa realidade. Compre umha assembleia nacional constituinte para o povo galego e a agrupaçom nela de todas as vítimas e sujeitos: desempregados, despejos, preferentes, desassistidos, trabalhadores... Compre subordinar o trabalho institucional a essa nova legitimidade, sacrificá-la por oportunismos tacticistas ou eleitorais é um crime de lesa pátria.

O “depois” deve conviver com o agora desde já. Nom se trata só de mobilizar, criar assembleias ou rabunhar o último direito numhas instituiçoms xordas. É preciso construirmos tecido popular que encha os espaços que vai deixando a administraçom, desde refeitórios comunitários até cuidados de saúde por profissionais desempregados. Necessitamos dumha via de intercâmbio de mercadorias que dê saída interna às pequenas produçoms sem portagens alófilas: umha moeda social galega unificada junto ao euro, canda ela, umha banca ética nacional. Compre resolvermos o imediato a partir do “depois” nascente, compre agir-mos como cidadaos da sociedade que arelamos para demonstrar a sua efectividade.

Os medios en galego son vitaminas para a lingua
www.vitaminasparaogalego.gal

Neste país, dar a cara sae caro

Colabora contra a repressom económica
 2091 0395 21 3040001337

Rúa

Restaurante
 Tl. 981 55 64 69
 Santiago de Compostela
 Rúa de San Pedro, 24

COMPOSTELA

a Vante

A invisibilidade da população presa

A CONSTRUÇÃO DA PESSOA PRESA COMO CIDADÃO DE SEGUNDA DIFICULTA A DENÚNCIA DOS ABUSOS QUE PADECEM

A denúncia social dos abusos a que são submetidas as pessoas presas deve romper um muro de silêncio e invisibilidade. Casos recentes, como o da galega Noélia Coteló, que denunciou malheiras e abusos na cadeia de Brieva (Ávila), ou a aplicação da dispersão penitenciária com outros tantos sinais de alarma para

o que está a acontecer dentro dos muros das prisões. NOVAS DA GALIZA contactou advogados e ativistas para refletir sobre o funcionamento do sistema penitenciário: à tona vinham os vexames que sofrem os direitos das pessoas presas, assim como a excepcionalidade jurídica que o Estado aplica a prisioneiros políticos.

A.L. / Em dezembro passado, na sequência dumha pergunta parlamentar da deputada do BNG Rosana Pérez, o Governo espanhol informava das pessoas galegas que se encontram em prisões no território do Estado espanhol fora da Galiza. Segundo esses dados, das 3.066 pessoas de origem ou residência habitual na Galiza presas hoje nos cárceres do Estado, 538 estão internas em cárceres de fora do país, 84 em situação de prisão preventiva e 454 penadas.

Quanto ao emprego da dispersão penitenciária, o Governo não quis dar explicações à deputada, argumentando que “o destino dos internos para um determinado estabelecimento prisional está condicionado por diversos critérios previstos na regulamentação penitenciária e que estão ligados à resolução da classificação penitenciária”.

Ora bem, como salienta Fernando Blanco, membro do Observatório para a Defesa dos Direitos e Liberdades Esculca, esta política de dispersão “não se justifica pela falta de vagas na Galiza”: as 3.066 pessoas presas que cita o Governo espanhol não ultrapassam a capacidade teórica dos cárceres instalados no nosso país (3.105 vagas), e ademais “é claramente inferior à ocupação real, dum mínimo de 4.861 pessoas”. Igualmente, Blanco diz que a Esculca pediu ao Governo estes dados e que este não deu resposta.

Maus tratos

A aplicação da dispersão penitenciária é umha das dificuldades acrescidas que padece a população presa, para além da própria negação de liberdade. Fernando Blanco aponta que “a construção do preso como cidadão de segunda categoria, deriva tanto da própria legislação como da aplicação da mesma e mesmo de práticas espúrias da administração penitenciária. Assim, para citar um exemplo, a legislação penitenciária elimina o direito de associação das pessoas presas, sem que tal limitação tenha umha fundamentação constitucional ou legal”.



PRISION DE TOPAS (SALAMANCA)
Foto: Sino Seco

A esta legislação já restritiva, junta-se ainda o número alarmante de denúncias por tortura nas prisões espanholas. Assim, o relatório da Coordenadora Estatal de Prevención de Tortura referente a 2011 refere 64 denúncias, afetando 71 pessoas em prisão. Blanco acrescenta que atualmente a Coordenadora “é parte acusadora em duas denúncias por torturas na prisão de Teixeira, e vai intervir ainda noutra denúncia por torturas na prisão da Lama”. Por seu lado, a Esculca realiza desde há anos relatórios sobre maus tratos e torturas nas cadeias galegas, nomeadamente nas de Teixeira e a Lama. “Concluimos”, expõe Blanco, “que é preciso que a sanidade penitenciária rompa os seus vínculos hierárquicos com o Ministério do Interior de forma que os médicos de prisão que poderiam certificar os maus tratos sejam trabalhadores não dependentes da administração penitenciária. E também que a impunidade nestes casos deriva do escasso ou nulo interesse judicial em investigar esses factos”.

A situação de indefensão das pessoas presas é também patente. Blanco diz que o elevado grau de discricionariedade com que pode agir da administração penitenciária “faz que sejam inumeráveis

Há padrões comuns no tratamento dos presos políticos

O isolamento ou a suspensão das comunicações são medidas repressivas

os meios para reprimir a mais mínima atuação, já nem sequer de dissidência senão de defesa de direitos”. Refiram-se a este respeito os traslados, o isolamento ou a suspensão das comunicações. “Para recorrer estas sanções legais ou encobertas”, diz ainda Blanco, “não dispõem de direito de advogado de ofício até o recurso de apelação, isto é, numa fase muito avançada do procedimento”. O escasso empenho dos juizes de vigilância penitenciária, lamenta este ativista, agrava a situação de indefensão das pessoas penadas.

Excepcionalidade crescente

O penalista Borja Colmenero tem chamado a atenção em diversas palestras e meios para a criação

dum Estado de Exceção, entendido como “aquele dispositivo de controlo que situa o ‘político’ acima do ‘jurídico’”. Assim, engade que “da perspectiva dumha penalidade crítica, observa-se com preocupação a normalização, não sem conflito, da excepcionalidade penal no nosso contexto político”. Recentemente, ficava a saber-se que a Audiencia Nacional mantinha pela primeira vez a acusação de “pertença a banda armada” contra militantes independentistas, alguns deles em prisão sem julgamento. Diante disto, Colmenero aponta que “o Estado espanhol parece que tem especial interesse em perpetuar fórmulas de controlo social que lhe permitam legitimar-se em negativo. Neste sentido, o inimigo principal que lhe permitia essa coesão era o ‘basco’; no entanto, as circunstâncias sociopolíticas mudaram e a ameaça excepcional que justificava a legislação de exceção começa a ser posta em causa. Seria dentro desta análise que, ao meu modo de ver, deveríamos situar a tentativa de criar umha ‘fantasma terrorista’ na Galiza, completamente fora da realidade política do nosso país. No entanto, não entendo isto tampouco como um circuito fechado, podendo abrir-se a mais inimigos”.

A Coordenadora Estatal de Prevenção de Tortura recolheu 64 denúncias em 2011

Assim, através da sua experiência com pessoas presas por causas políticas Colmenero adverte umha série de padrões comuns no seu tratamento carcerário. “Em primeiro lugar”, expõe o advogado, “a aplicação da exceção na prisão: isolamento, FIES 3, dispersão, etc. Em segundo lugar, um permanente acoso e busca do confronto por parte da prisão e todo o sistema penitenciário com o preso, com rigorosíssimo zelo na sua atuação. E por último, nos casos mais graves, de “inadaptados”, como os denomina a própria prisão, poderiam dar-se situações de tratamentos inumanos, degradantes ou mesmo de tortura”.

Também o advogado Benet Salellas salienta que a Audiencia Nacional aplica umha espécie de ‘direito de guerra’. “É umha espécie de código processual próprio”, expõe Salellas, “em que a prisão provisória em lugar de ser a exceção, é a regra, invertendo o funcionamento lógico num sistema democrático em que a situação normal é a liberdade e só em casos excepcionais que estivessem justificados por um risco de fuga ou de reiteração criminal poderia ser decretada a prisão provisional, quer dizer, prévia ao julgamento”.

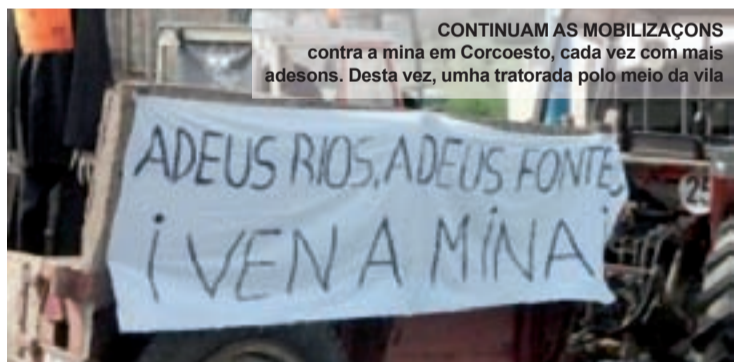
Crise e prisão

Acrescentem-se ainda os cortes e as reformas neo-liberais que limitam ainda mais os direitos das pessoas presas. Fernando Blanco, da Esculca, diz que por razões orçamentárias estão a limitar o acesso a novos fármacos, a água, a comida ou a eliminar a presença de psiquiatras. “Não acertamos a saber qual será o futuro, mas o presente é dum maior sofrimento do que a prisão já produz de por si”, diz Blanco.

CRÓNICA GRÁFICA



O 'COMITÉ CIDADÁN DE EMERXENCIA DE FERROL' reúne centos de persoas contra a entrada do navio número 140 pola ría. Foto: Comité Cidadán



CONTINUAM AS MOBILIZAÇÕES contra a mina em Corcoesto, cada vez com máis adesons. Desta vez, umha tratorada polo meio da vila



O VII ENCONTRO DA REDE GALEGA DE SEMENTES tivo lugar em Compostela, com a participación de várias produtoras e consumidoras



A FUNDAÇOM ARTÁBRIA celebra umha nova homenagem a Ricardo Carvalho Calero



CONCENTRAÇOM NA SEDE DO PP DA CORUNHA para pressionar sobre a aprovaçom integrada da ILP apresentada pola PAH



ALTO SEGUIMENTO DA GREVE convocada pola CIG no sector do comércio e da alimentaçom em Ponte Vedra

Confundir serviço público e mercadorias, também na TV

No NOVAS DA GALIZA tivemos conhecimento da ação legal que enfrenta nos tribunais um trabalhador despedido e a 'Corporación Radio-Televisión Española'. O processo está a evidenciar as precárias condições de trabalho que imperam nos média propriedade das administrações, cada vez mais esforçadas em vender-se ao privado. Um exemplo entre muitos, que nos permite esboçar aqui os traços estruturais dumha situação que dá ideia do que podemos aguardar da 'informação' produzida nessas circunstâncias.

A. QUINTIÁ / Durante a transformação de Radiotelevisión Española de 'Ente Público' em 'Corporación', culminada em 2006, e nos acordos entre sindicatos e direção para a aceitação dum ERE que afetou quatro mil pessoas em todo o Estado, assinava-se a possibilidade da externalização de parte da carga de trabalho. Entre as condições fundamentais para essa contratação com a empresa privada, estavam a equiparação de salários e condições com as do quadro de pessoal da própria corporação, assim como a obrigação da sub-rogação dos trabalhadores no caso de mudança na titularidade da contrata. Quer dizer, que no caso de a corporação espanhola mudar a empresa à que contrata serviços, estas empresas deveriam contratar as pessoas que vinham desenvolvendo cada um dos trabalhos determinados para a empresa anterior.

Muda o governo, muda o contrato

As contratações da CRTVE seguiram a dinâmica habitual de mudarem as cadeiras ao mudar o governo, que tam bem e tam explicitamente encarna o difuso das di-

.....
A subrogação dos trabalhadores das empresas foi condição para RTVE

.....
A TBS nom respeitou o salário nem a antiguidade dos profissionais contratados

visórias entre poderes no Reino da Espanha. Entre 2005 e 2011 era a Mediapro, propriedade ainda em 33% do seu fundador Jaume Roures, um 'empresário progre', responsável polo lançamento e posterior desmantelamento do diário *Público*. Para o caso, é de assinalar, além da relação de Roures com Miguel Barroso, que ao parecer lhe teria garantido também a concessão para a cadeia de televisão *La Sexta*, e que ademais de estar casado com a ex-ministra do governo espanhol Carme Chacón, foi secretário de estado de comunicação do governo de Jose Luis Rodríguez Zapatero.

Mas a 'casual' confluência de interesses entre a CRTVE e Roures rachou logo da consecução de maioria absoluta no parlamento espanhol do Partido Popular. Entom foi Alberto Oliart, ex-ministro com a UCD, quem reparou em que a Telefónica Broadcast Services (TBS) -que também 'casualmente' acabara de nomear administrador único o seu filho Pablo Oliart nem um mês antes- tinha justo a oferta de mais interesse para a CRTVE. Nom muito tempo depois, demitia-se porque estava "canso".

E aqui o assunto é que a primeira das condições para qualquer mudança

num serviço externalizado da CRTVE é incumprida sem mais nem mais. A TBS contrata os mesmos profissionais sem lhes respeitar salário nem antiguidade, passando por riba de absolutamente toda a regulamentação vigente. E quando as empresas recebem denúncias, por despedimento contra a Mediapro e exigindo o respeito às condições de sub-rogação à TBS, o trabalhador agora pendente de decisão judicial é despedido. Logo de ser re-admitido pela Telefónica e compensado economicamente pela Mediapro, e quando mais umha vez CRTVE começa a dançar com as contratações e assina de novo com a Mediapro nos começos de 2012, esta 'esquece' justamente o trabalhador que apresentara denúncia em defesa dos seus direitos laborais.

O miolo, a cossom ilegal

A seguir a umha nova denúncia contra a CRTVE, a última sentença dá a razão à defesa do trabalhador quanto a que era à corporação estatal que cabia seleccionar e dirigir o pessoal, sobre o qual tinha poder disciplinar. Além disso, sinala a sentença que o pessoal trazido pelas empresas privadas era mui superior ao contributo material destas, o que viria deixar injustificada tecnicamente a contrata. Para o caso, o que a decisão judicial vêem a dizer, como já aconteceu no caso da CRTVG com as trabalhadoras e trabalhadores da produtora Faro, é que nom há razão de nengum tipo para o crescente empenho e abuso da externalização de serviços, que a vontade claramente ideológica de precarização do emprego nos meios públicos, como mais umha ferramenta a perpetuar a manipulação e censura.

Nom há lume sem fume

Um caso atualmente nos tribunais, a que tivo acesso NOVAS DA GALIZA e que afeta um profissional galego que vinha trabalhando para a corporação estatal espanhola CRTVE, serve para trazer de novo a estas páginas a questom de quem produz a informação que o Estado nos serve como 'serviço público'. E é que, mesmo aceitando essa definição hegemónica que iguala 'público' e 'de titularidade estatal', o certo é que cada vez mais as democracias burguesas operam com maior frequência umha fraude -se nom legal, ética- consistente na externalização da produção dum

produto tam sensível como a informação. A contratação com grandes corporações do setor, já nem só de programas de entretenimento ou de ficção, mas também de cada vez mais parcelas dos serviços informativos, tenta fazer-se passar sem demasiada publicidade. Sem as preceptivas advertências de que, a maiores da subordinação aos interesses partidários do governo de turno, endémica do modelo de media estatais em que apostárom as instâncias espanholas centrais e autonómicas, a informação produzida vai estar a passar os factos polos critérios próprios do capitalismo

financeiro e das grandes fortunas que possuem as empresas sub-contratadas.

Certo é que para nada estão afastadas as estratégias duns e outros poderes - de aparelho de estado e de trama económica -, mas também é certo e inegável que para nada ajuda a manter a legitimidade cada vez menor do consenso da 'Transição' cousas como estas. E que por isso o pacto de silêncio que sobre as vergonhas próprias que afetam todo o sector mantem os media sistémicos nunca vai ser rota para tratar este tema, nom sendo para o simples "sai daí que vou eu".

NOTAS DE RODAPÉ

Marcial Dorado ainda era santo

Os diários de vocação independente e subscritos á direção geral de Medios, cuidam que a sentença do Constitucional Português é um erro.

A classe média mais breve, menorizada e maltratada da UE deve fazer-se cargo dos gastos da crise junto com a classe meia pior paga do sub-continente.

A Portugal quadrou-lhe sempre escrever o Almiar Ibérico: foi República ante os olhos assustados dos monárquicos do Manzanares, Ditadura desde 1920 e Revolução no 74, com censura de livros e revistas na banda Norte do Minho. As alfândegas da Águia Imperial tornárom-se expertas em dobrar a guarda. Agora Portugal vai ser adiantada na reintegração de salários dos pobres, ao cabo de quatro anos de o Estado rapar-lhos. Os diários subscritos, vem Passos Coelho como um Sansebastián crucificado polo Tribunal de Amparo. Nom informaram do desprezo do Governo de Passos para o mal-passar de Zé Povo. Um comboio sai de Lisboa para a Moncloa.

A Junta Fraguista cuidou desde tempos de Albor a sua relação com o contrabando. No 80, o clam dos Ferrazo refugiara-se em Lanhelas por se livrar da cadeia, e o presidente Albor atravessou a fronteira para lhes dar umha visita de ánimo. "O Presidente irá sempre onde houver um Galego em apuros", declarara Albor.

N umha valiosa informação, o NOVAS DA GALIZA dera conta das entregas de dinheiro do contrabando ao PP, contra recibos com a foto de Fraga em perfil cesárico. Foi na campanha do 89 para a Junta. Pouco antes, o padrinho Vicente Otero "Terito" recebera das maos de Fraga a insígnia de ouro e brilhantes do partido.

Que cousa ignorava Feijóo do contrabando? O desembarque de caixas ou fardeis financiava empresas que com facilidade acabavam de contratistas da Junta. O mesmo Rajoy organizara no 84 umha colossal marcha a prol de Alfredo Bea Gondar, alcalde de Ogrobe que acabou na cadeia por comércio de narcóticos.

Quando Feijóo invoca um passado virtuoso do narco que o passeia na lancha, recorda o reverso dum conto de "Joselín", Alcalde republicano de Baiona: duas mulheres foram retratadas como cortesãs, mais as proprietárias do quadro situavam-nas nos altares. As visitas notavam que o pintor nom captara apenas a santidade. "O que se passa e que quando as retrataram, ainda nom eram santas", explicavam as parentes. Nom, como Dorado que ainda nom chegara a pecador quando foi retratado com Feijoo.

CULTURA

“Nom se pode medir o efeito que tem umha livraria numha vila polo número de clientes e vendas, nem cifras de negócios”

O subtil, secreto e inapreensível influxo das livrarias na cidade

NO DIA DO LIVRO FALAMOS COM AS LIVREIRAS DA LILA DE LILITH, A CIRANDA E A SUÉVIA

Vai vir o Dia do Livro. Cada ano, pola data, os meios de comunicação arrojam cifras de vendas, que vam a menos; cifras de livros publicados, que vam a menos; e cifras de leitores e leitoras, que vam a menos, sobretudo quando falamos de livros escritos na nossa língua. Mas, e as livrarias? Estám a sentir este “ir a menos”? Há estabelecimentos históricos que já som instituíçom; há quem re-

cicla o espaço e começa a oferecer outras atividades; e há quem acaba de abrir, e oferece um lugar diferente, especializado, onde se ultrapassa o conceito de “loja”; e se procura umha alternativa às fileiras de livros grises que se ordenam, rigorosamente direitos, nos andeis, também rigorosamente direitos, dos grandes armazéns.

A.R.G./ *En Memorias de la librería*, publicado por Trama, o livreiro e economista Paco Puche assinala que nom se pode medir “o efeito que tem umha livraria na cidade que a acolhe, nem a energia que desprega nas suas ruas, que transmite aos seus habitantes (...) nom chega com números de clientes e vendas, nem cifras de negócios, porque o influxo da livraria na cidade é subtil, secreto, inapreensível”. Desta volta quigemos ir além do negócio, e conversar com três livreiras que há relativamente pouco tempo abrírom um espaço próprio, com companheiros de andadura, em duas cidades da Galiza: Compostela e Corunha.

Lila de Lilith: educar no feminismo

Na primeira cidade abriu, em outubro de 2011, a livraria Lila de Lilith. Segundo contou ao NGZ, Patricia Porto Paderne, a Lila de Lilith é fruto do trabalho que está a realizar a associação Lilith, de ação social e educativa desde o ano 1998. É umha livraria única na Galiza, já que oferece volumes feministas e literatura, poesia e ensaio feito por mulheres. “A ideia foi evoluindo do nosso primeiro projeto de educação em chave de género, que ainda que o continuamos a manter, a colaboraçom com as instituiçoms foi a menos devido aos cortes nos orçamentos”, assinala Patricia, enquanto recalca que a Lila “nasceu da necessidade de ter um espaço próprio, indo além do conceito de livraria, e criando um lugar onde poder trabalhar em muitos ámbitos: oferecendo livros, mas também arte, teatro, pintura, e brinquedos eróticos para mulheres”, já que também tem um ponto de venda de Los Placeres de Lola.

Sobre o trabalho que a livreira desenvolve numha livraria especializada, Patricia Porto assinala que tem um valor a mais, “já que é importante que as pessoas que entram pola porta saibam que podem



.....
 “Numha livraria especializada a gente sabe que pode falar do que procura”



PATRICIA PORTO E IRIA MAYER

falar connosco sobre o que procuram, porque muitas vezes oferecemos só umha pequena mostra do que podemos chegar à clienta, e através do nosso conhecimento e formaçom -no nosso caso, em género e feminismo-, podemos dar ideias, fazer recomendaçoms, orientar... Fazer parte, ativamente, da cadeia de venda dos livros”.

A livraria abriu em plena crise, há ano e meio, e há dous meses que compartilham espaço, situado na zona velha, na Rua Travesa número sete, com Ciranda, um projeto vinculado à língua portuguesa e à cultura lusófona que nasceu da Associação Galega da Língua, AGAL. Sobre as vendas pouco falamos, mas, conta Patricia Porto, “ainda que abrimos em plena trevoada, e ainda que a cousa nom vai fatal, tampouco vai vento em popa... Mas seguimos polo meio, navegando”.

A Ciranda: a lusofonia inteira

A Ciranda é a livraria, das três de que falamos nesta página, que leva menos tempo aberta -desde pri-

meiros de fevereiro-, se bem é gerida por pessoas que levam tempo a trabalhar com literatura lusófona, já que nasceu para levar vários dos projetos promovidos pola AGAL, tais como a área editorial -Através Editora-, ateliês como os Ops ou a loja na Rede Imperdível. Os seus responsáveis, som Loaira Martínez, Carme Saborido, Iria Mayer e Xurxo Novoa. Falamos um pouco com Iria ao telefone, quem nos contou que o espaço surgiu da necessidade de “externalizar vários serviços da associação que funcionavam bem, chegar à gente através dum espaço de convívio e somar sinergias com a Lila, para juntar forças encaminhadas a dar estabilidade aos dous projetos”. Na Ciranda podem-se encontrar livros de Através, Imperdível, Axóuxere, OQO, Estaleiro e mais, para além de permitir participar em apresentaçoms de discos, com música ao vivo, cursos e outras atividades oferecidas com as parceiras da loja. Aliás, o facto de com-

partilhar o espaço, segundo Iria Mayer, “está a resultar mui enriquecedor, e como já vínhamos de serviços existentes na AGAL, é mais fácil que a gente te conheça e se achegue”. Em Compostela nom havia, até a abertura da Ciranda, nengumha livraria que oferecesse exclusivamente literatura portuguesa e da lusofonia, desde o feche da Palavra Perduda -que levava, desde o ano 95, no bairro dos Pelámos-, que junto com a Andel de Vigo, e a Torga de Ourense; eram as principais referências na Galiza.

Livraria Suevia: na Corunha fala-se

Na Rua Vila de Negreira, número 32, no bairro da Agra do Orçam, na Corunha, é a Livraria Suevia, especializada no livro galego e português. Detrás da montra está Ermitas Valencia, quem falou para o NGZ da loja, que também transcende o negócio. “Queríamos abrir um espaço em que se puidesse adquirir cultura da lusofonia também na Corunha, porque, por diversas cir-

cunstâncias, já nom havia um lugar onde aceder a este material. Também temos música e filmes, assim como livros para crianças, já que um dos objetivos é chegar a cultura a nenos e nenas através do livro”. Aproveitando que no bairro, um dos mais densamente povoados da Europa, e com umha caótica construçom, nom existia nengumha livraria como o projeto de Suevia, assim que “com a ideia de dar visibilidade a editoriais pequenas, a autores novos galegos, e trazer literatura portuguesa, abrimos em finais do passado mês de dezembro”.

Na Suevia, conta Ermitas, há que perguntar onde estám os livros em castelhano -que também os há, som de temática mui concreta e nom estám publicados na nossa língua-, “ao contrário do que acontece em quase todas as livrarias, onde o normal é perguntar onde está a prateleira de volumes em galego”. A acolhida, num começo, é boa, assinala Ermitas, “porque também temos imprensa, e vende-se, sobretudo, livro para adultos em português; para crianças, triunfa mais o livro em ILG”; e recalca, “90% da clientela é galegofalante, e nom se trata de gente vinculada ao nacionalismo”. Daquela, há que ir apagando a imagem nom real, o mito, de que a Corunha é sinónimo de castelhano? “Nom é um mito, é mais bem umha imagem criada e alimentada, durante anos, polos representantes políticos e mediáticos. A Corunha nom é o que se procurou transmitir, mas sim é certo que nela o espanholismo mais radical ressarcuiu-se por décadas. É lógico que se tenha essa imagem, mas nom é real: aqui nom assistimos às touradas nem falamos todos castelhano”. “Dar peso à lusofonia na cidade e vincular com ela a nossa cultura e língua é o nosso modo de reagir, de trabalhar polas cousas em que se crê, e que som úteis para a promoçom do nosso, numha época nom mui fácil para a cultura. A partir de aqui, todo pode ir a melhor”.



Galiza ano Cero: outra televisom

REDAÇOM / Há cousas que nunca verás na televisom. Assim é como se apresenta o coletivo Galiza ano Cero, nascido na cidade da Corunha para criar umha nova televisom, baseada no debate político e social, “de abaixo à esquerda, em código aberto e baixo licenças livres”. Até agora só podem ser visionados quatro tráilers colgados na sua web, no YouTube e em Vimeo, onde Manuel Martínez Barreiro, Xosé Manuel Pereiro, Lola Ferreiro e Alba Nogueira, respetivamente, falam da criação de ferramentas e caminhos próprios de esquerda para a construção de umha democracia real.

Constituídos à volta de umha associação cultural criada há uns

dias, este grupo de umhas 15 pessoas viu a necessidade imediata deste projeto, dado que os espaços de comunicação continuam a estar sequestrados polo poder, e som apenas negócios, empresas, criadores de opinión lisa e homogénea.

Ainda que o primeiro programa de debate está prestes a ser lançado, há meses que o coletivo Galiza ano Cero trabalha nos inícios dum meio próprio, com um enfoque aberto e participativo. De facto, na sua web e nas Redes Sociais demandam a participação de quem quixer colaborar para irem criando o caminho polo que vam, nos próximos dias, botar a andar estreando o primeiro debate e a primeira entrevista de umha série que tenhem pensada.

Começam os festivais

REDAÇOM / Começa a primavera, ainda que o tempo seja a borrasca contínua, o que implica que comecem a conhecer-se os cartazes dos festivais que serán realizados este ano. O primeiro, o cartaz Festival do Norte, que também é o que mais perto fica no calendário. Apesar dos problemas da organização do Concelho, o festival será realizado finalmente durante os dias 17 e 18 de maio no recinto feiral de Fexdega, e nele tocarán Xoel Lopez, Toy, The Primitives, Dorian e We Are Standard. Também foi confirmada a presença de grupos como Delorentos, Sr.Chinarro, Guadalupe Plata, Estereotipo, Pedrito Diablo e os Cadáveras. Os bonos já están à venda.

Por outro lado, já se conhecem os nomes dalgumhas das bandas que passarán pola Galiza este

verao. Começando com o Son-Rías de Bueu, que será realizado nos dias 1 e 2 de agosto, cuja organização confirmou a assistência de The Toy Dolls e Talco. Também a associação Malaherba confirmou que no próximo 6 de julho será realizado o VII Sons da Lameira/VII Malaherbarock em Matamá.

O Sinsal começa em Compostela

Assim mesmo, o Teatro Principal de Compostela abrirá, o próximo 1 de Maio, a programação do Festival Sinsal 11, o encontro de referência dos sons alternativos na Galiza que inicia a sua nova edição com um concerto do grupo dinamarquês Efterklang. Em próxima datas irám sendo conhecidos os próximos concertos deste evento.

Açom Direta recupera parte da antiga muralha de Ferrol

OS ATIVISTAS SUPREM A FALTA DE INTERESSE DA ADMINISTRAÇOM

REDAÇOM / Já falávamos do coletivo Açom Direta de Recuperação de Espaços Públicos de Ferrol no NOVAS DA GALIZA do passado setembro (Nº118). Naquela altura, na seçom do *Dito e Feito*, entrevistávamos a Suso Pazos, membro desta iniciativa pioneira na Galiza, em que a vizinhança decidia pôr-se maos à obra, diante da passividade das administraçoms, desta volta, do Concelho de Ferrol.

Agora o coletivo acaba de mar um novo elemento à sua ta de recuperaçoms: os restoslis antiga muralha defensiva da cidade, achada em setembro de 2009 na zona da Malata. Os restos estivérom anos à espera de um relatório da Direçom Geral de Património que nom deu chegado. Mais umha vez, a falta de interesse das administraçoms levou a que este coletivo voltasse atuar. Nas últimas semanas, os



restos fôrom limpados, arrancadas as espécies invasoras e umha maceira foi transplantada.

Para além desta açom, o coletivo leva tempo a limpar espaços públicos da cidade e dos arredores, como o Mirador da Cabana, a praia dos Olmos, o rio Sardiña, a Ribeira de Carança, ou a

Bateria de Sam Carlos, entre outros. Assim mesmo, no passado 24 de fevereiro organizárom o I Campeonato Mundial de pesca de pneumáticos, através do qual voltárom chamar a atençom sobre o estado de abandono em que están algumas zonas da cidade.



Turismo reconstruirá um bairro do castro de Castromao

REDAÇOM / As obras para a reconstrução dum setor do castro de Castromao, em Celanova, começaram em breve, segundo o jornal ourensano *La Región*. Assim o assegurou o passado 3 de abril nesta publicação o alcaide deste município, José Luis Ferro, após umha reuniom com a vizinhança. A açom recriará, através de sete edificios, o conhecido como "bairro da tabula", um importante sector do sítio arqueológico em que fôrom localizados edificios e estruturas singulares, como a célebre 'Tabula dos Coelerni'. O conjunto ocupará meio hec-

tare e servirá como plató para a filmagem de *Galaicus*, umha produçom cinematográfica produzida por Farruco Castromán e Luis Tosar, e ambientada no tempo da confrontaçom entre os galaicos e os romanos. A reconstrução vai supor um custo de 210.000 euros, em duas anualidades, sufragados na sua integridade por Turismo da Junta da Galiza.

As ajudas para conservar bens Património da Humanidade som reduzidas em mais de 50%

As ajudas do Ministério de Educaçom e Cultura espanhol para a

conservação de bens declarados Património da Humanidade pola UNESCO fôrom reduzidas a menos de metade. Ao todo, em 2013 fôrom destinados 917.300 euros para este fim frente aos 2 milhões com que contava esta linha de ajuda em 2012. O recorte é somado ao de anos anteriores, já que em 2010, por exemplo, as ajudas chegavam aos 2.290.000 euros. No passado ano, esta linha de apoios subsidiárom diferentes atividades de promoçom e restauraçom no casco histórico de Santiago e dos arredores da Torre de Hércules, na Corunha.



PERIGA A EXISTÊNCIA DO SANTIAGO FUTSAL



Umha dívida de mais de 200.000 euros polo anterior presidente, J.A.Lobelle, colocou ao clube de futebol de salom numha situação crítica. O Santiago Futsal, atualmente 5º na Liga, poderia ver-se abocado a migrar a outra cidade –fala-se da Corunha– ou mesmo desaparecer.

PLENO DE TRIUNFOS EM 2013 PARA GÓMEZ NOIA



Xavier Gómez Noia continua a bater registos. Em 2013 ganhou todo o que competiu: Desafio de Alcatraz (EUA), a Taça do Mundo de Mooloolaba (Austrália) e as Séries Mundiais de Auckland (Nova Zelândia). Procurará atingir o seu 3º título de campeão mundial nesta temporada.

“Quem nom corre... caminha ou brinca”

AS CARREIRAS POPULARES FLORESCEM NOS CONCELHOS DA GALIZA

ISAAC LOURIDO / Se pegarmos no calendário de provas atléticas organizadas nos Países Cataláns, topariámos ao lado de carreiras populares, meias maratonas, maratonas ou carreiras de montanha, a singular denominação das 'voltas a pé'. Embora a maior parte das pessoas completem correndo essas voltas a pé, na denominação sugere-se que cada pessoa pode realizar o percurso como melhor achar. Esta compreensão de correr e andar como atividades físicas acessíveis para a maior parte das pessoas, que podem gerir os seus próprios ritmos e interesses, está a florescer de maneira evidente no nosso país, com a crescente organização de caminhadas, carreiras de montanha ou carreiras com cans que cumpre somar às já tradicionais carreiras populares.

A já longa história das carreiras populares na Galiza viu-se acrescentada no último lustro pola emergência de provas em praticamente todos os concelhos galegos e a participação massiva em determinados eventos de referência, como a Carreira Cami-



ho de Santiago (outubro), a Sam Martinho de Ourense (novembro), a Volta à Ria de Ferrol (dezembro) ou, mais recentemente, a Meia Maratona Vigo-Baiona (março). Capítulo especial merece a Maratona da Corunha, que em 21 de abril organizará a sua segunda edição e cuja consolidação futura aguarda todo o atletismo popular.

Quem preferir as caminhadas conta também com umha grande oferta de atividades, com percursos, interesses e graus de exigên-

.....
Cada pessoa pode realizar as “voltas a pé” ao seu ritmo

cia ajeitados a todos os perfis, desde os 10 quilómetros da IV Andaina pola Serra do Galinheiro (21 de abril) até os 50 da XV Marcha a Santo André de Teixido (8 de junho), passando por opções intermédias como a já tradicional Andaina da Serra do Gerês

(2 de junho). Trata-se normalmente de eventos nom competitivos, que primam a andaina em grupo e o lazer associado à saúde e à valorização do património cultural e natural. Contudo, a Federação Galega de Montanhismo organiza umha Copa Galega de Andainas, que exige a participação num mínimo de quatro provas de 50 quilómetros.

Numha dinâmica mais competitiva, embora também relacionada com a procura de limites pessoais e o conhecimento da natu-

reza, a mesma federação organiza umha Copa de Carreiras de Montanha, consistente em quatro provas realizadas entre os meses de abril e outubro. Com longa tradição em âmbitos como o catalán, nesta disciplina intervinhem as variantes da distância, o desnível acumulado no percurso, a técnica para enfrentar as descidas ou a adequação à climatologia. O campeonato galego terá lugar o 23 de junho, coincidindo com o muito conhecido, pola sua dureza, Trail Chandrexa de Queixa (Ourense).

A todas estas opções poderíamos somar ainda outras, como as carreiras de orientação e os raids de aventura, disciplinas que incorporam valores como a autonomia pessoal, a estratégia ou o trabalho em equipa, e cuja principal referência organizativa é a Associação Galega de Clubes de Orientação. De muita mais recente aparição é o chamado “canicross”, baseado na participação conjunta dumha pessoa e do seu cam. Conta já com umha liga nacional e depende, neste caso, da Federação Galega de Desportos de Inverno.

Bilharda: Desporto nacional, misto e indígena!

XERMÁN VILUBA / O progressivo despejo cultural que están a sofrer cada um dos centros educativos galegos está a deixar nas maos da LNB a única alternativa real de aprendizagem: um modo natural de transmissão de sabedoria diretamente herdada do sofrimento dos nossos antepassados pola luta secular de manter vivo um desporto e um modo de vida chamado bilharda. Um aura de ar livre que invade cada sala de aulas quando começa umha das já míticas 'Palestras-LNB'. Umha experiência única e indescritível que, este mês de Abril, desfrutáram em toda a sua intensidade e plenitude a gente da Universidade do Minho, em Braga, que tivérom a valentia de assistir, palám em mao, à dissertação brutal do pintor e



músico de vanguarda Alfredo Pirucha. Pirucha traçou no seu lenço particular, com suor e sangue de palanador experimentado, a vertigem de umha revolução em andamento que, pola primeira vez, penetra em território luso. A palestra tivo como contraponto brutal ao I Abertinho Braguense a

semente para um próximo e incendiário Aberto que a Conf. Sul ultima realizar em terras dessa vila galaico-portuguesa.

Noutra frente aberta están as freces, o mítico almoço autóctone. Os espíritos rebeldes dos nossos antepassados, perseguidos por jogarem à bilharda, saltam or-

.....
A LNB penetrou por primeira vez em território português

gulhosos ao saberem que a indomável geração LNB os reivindica em cada golpe dado no mágico I Aberto das Freces na vila de Bretonha. Neste aberto consumouse, entre alentos das bestas bravas que habitam nos seus montes, a máxima do desporto indígena galego. E tudo isto num contexto de repressom brutal onde um comando de palanadores da LNB foi interceptado polas forças de repressom policial caminho do I Aberto das Freces, na estrada que une Lourenzá com Bretonha,

num controlo de identidade a todos os ativistas LNB que iam na carroça. Pode ser umha casualidade, pensarám alguns ilusos, mas nom foi tal, já que no dia seguinte, domingo 7 de Abril, os palanadores e palanadoras da Conferência Noroeste tinham sido despejados brutalmente, utilizando técnicas de polícia de choque na pista de jogo de Castro-feito, justo no momento em que iam iniciar o seu Aberto pontuável. Carme, de Troitas Bravas, foi a magistral vencedora absoluta no Aberto das Freces de Bretonha, um ponto de inflexom total e absoluto no devir da bilharda como desporto nacional misto e indígena... Adiante a República Indígena Galega: Bilharda Sempre!

TRÊS MÍNIMAS MUNDIALISTAS PARA BEATRIZ GÓMEZ



Após umha espetacular atuação no Open de Ponte Vedra, a nadadora galega participará nos 800 m. livres, nos 400 estilos e nos 200 estilos nos mundiais que terán lugar em Barcelona no mês de julho. Os recordes nacionais estabelecidos por Gómez, de apenas 18 anos, situam-na na elite internacional e confirmam-na como a melhor nadadora galega da história.

VETAM INDUMENTÁRIA BASCA NOS MUNDIAIS DE ATLETISMO



Quatro atletas bascos fôrom desqualificados no campeonato do mundo para veteranos, realizado em Donostia no passado mês de março, por usarem a vestimenta da equipa nacional basca e nom a da seleçom espanhola. A federaçom internacional de atletismo argumentou a obrigatoriedade de competir com a indumentária das seleçoms oficiais dos estados.

A revolução do futebol gaélico na Galiza

A. RUA NOVA/ O futebol gaélico está a viver um autêntico florescer na Galiza. O fator que motivou tam rápida expansom deste desporto foi o amigável internacional entre a Seleçom Galega e a Bretoa, realizado o passado julho em Narom. Graças ao trabalho dos organizadores do evento, Siareiras Galegas e a Fundaçom Artábria, prendeu a faísca do desporto na Terra. Colaborou também a única equipa de futebol gaélico que existia na altura na Galiza: os Filhos de Breogám. Em abril de 2013, nove meses após

doras e jogadores. Organiza diferentes competiçoms e a mais afaçada é a *All-Ireland Final*, jogo entre condados irlandeses, que também inclui o Ulster, onde jogam maiormente nacionalistas.

Algo mais do que um desporto O rápido crescimento inicial da GAA foi devido ao seu papel como parte de um grande renascimento cultural irlandês, intimamente ligado com o nacionalismo. Lembremos que esta associaçom nasce para reagir frente o modelo nacionalizador do desporto inglês.

político dumha Irlanda livre. Sem dúvida, o movimento desportivo irlandês foi mui importante para espalhar o sentimento nacionalista, e também foi impulsor da atividade puramente política.

A repressom inglesa chegou até proibir o desporto irlandês. Mesmo muitos membros da GAA fôrom mortos por paramilitares e forças de ocupaçom británicas durante a luta pola independência. Também tem havido numerosos ataques sectários em clubes gaélicos na Irlanda do Norte. E

e o nome está inspirado na bandeira do Reino Suevo da Galiza, "em homenagem polo 1.600º aniversário da fundaçom do Reino", comenta-nos Guida Bieites, jogadora do Suévia.

Suévia FG é umha equipa plenamente consolidada e tem, aliás um dos planteis mais nutridos da Galiza: somam 25 pessoas. Os objetivos de Suévia FG passam por "ajudar e apoiar o nascimento de mais equipas por toda Galiza e continuar organizando torneios em importantes festas populares", aponta Alexandre Costa, jogador do Suévia.

minina da GAA, as mulheres temem regras de jogo mais "fáceis" que as dos homens. Guida considera estas normas "arcaicas e discriminatórias" e di que "isto nom é exportável para a Galiza do século XXI". Porém, a ideia do Suévia FG é "nom excluir, queremos incluir", argumenta Alexandre. Apontam que todas as pessoas temem direito a jogar a este desporto, e que querem somar gente, e nom discriminá-la por razoms de género, portanto, jogam com equipas formadas por mulheres e homens.

Os jogos

A Associaçom Galega de Futebol Gaélico criada recentemente iniciou umha liga galega de 7 contra 7 em que participam Filhos, Ártabros, Irmandinhos, Mecos e Bráithreachas.

As equipas restantes do país continuam com o trabalho de promoçom deste desporto, mas também a treinar, participando em diversos torneios. O passado janeiro celebrou-se o I torneio dos furanchos de Sam Brais entre Suévia FG e Faísca. O 16 de março, no encontro da festa de Sam Patrício, organizada pola Gentalha, houve um triangular de futebol irlandês entre Suévia, Faísca e Afiadoras. O próximo jogo será disputado em Ponte Vedra, coincidindo com a Festa do 25 de abril, e onde "debutará, quando menos, mais umha equipa nova", segundo nos anuncia o Alexandre. O dia das Letras Galegas contará também com jogo de futebol gaélico, e de Suévia FG já anunciam a estreia da modalidade praia para o verao. Todas estas iniciativas auguram um longo e prometedor porvir desde desporto na Galiza.



o jogo, contamos já com 9 equipas: Suévia FG e Santiago em Compostela, Faísca em Vigo, Irmandinhos e Bráithreachas (filial dos Irmandinhos) na Estrada, Afiadoras de Ourense, Mecos de Ogrove, Filhos de Breogám da Corunha, Ártabros de Oleiros (filial de Filhos), e o número continua a crescer.

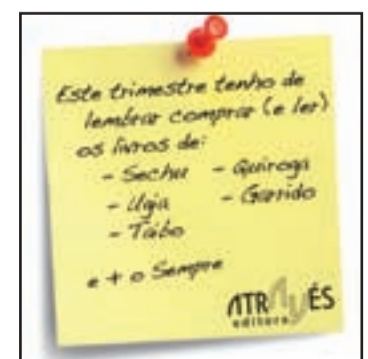
O futebol irlandês está regulado pola GAA (Gaelic Athletic Association), que nasceu em 1884 e conta com mais de um milhom de sócias. Entre as suas regras afirma a condiçom amateur das joga-

Porque o desporto foi um dos pilares da construçom do Estado nacional britânico, que através do futebol, ráguebi ou cricket, apanhou um importante efeito de coessom social, cultural e nacional, na Escócia ou Gales, mas nom em Irlanda. Michael Cusack, um dos fundadores da GAA, declarou que desejava promover a língua gaélica e "nacionalizar e democratizar o desporto em Irlanda". Assim, o futebol gaélico manifestou desde os seus inícios um enorme compromisso nacional com o projeto

até 2001 estivo vigente a regra 21, que impedia que membros das forças de segurança británicas participassem nos jogos da GAA.

Suévia Futebol Gaélico

Após o jogo internacional da Galiza de futebol gaélico, um grupo de militantes e amigas da Gentalha do Pichel dam o passo e decidem criar em Compostela o Suévia FG, equipa que seguindo o exemplo irlandês levanta a bandeira do compromisso social, nacional e linguístico. O seu escudo

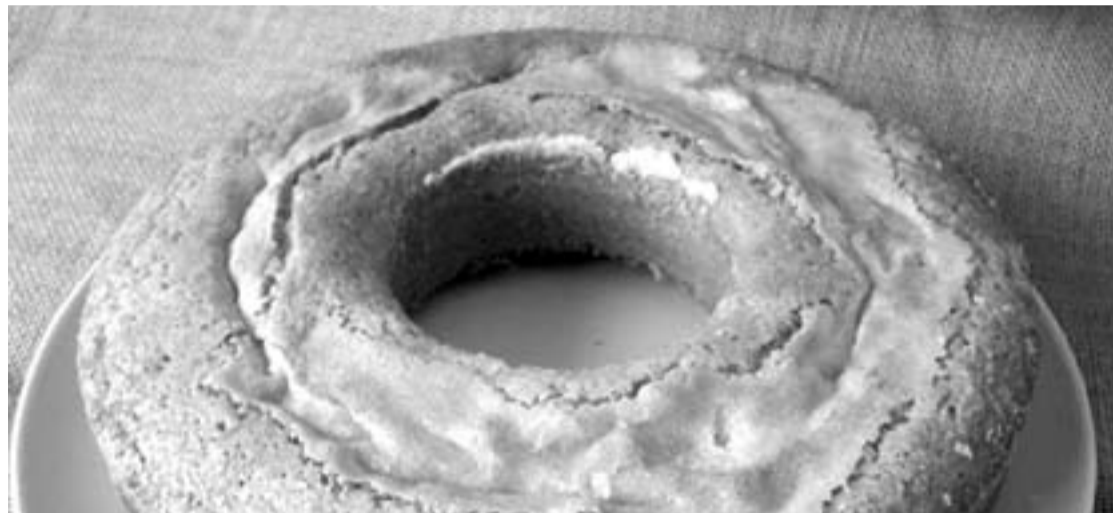


TEMPOS LIVRES

GASTRONOMIA

A 'mala virgen' da virgem... ou a torta de milho de Guitiriz

A.R.G. / Quando era pequena nom havia outro modo de ir da Marinha para Compostela que nom fosse percorrer um bom pedaço da chamada nacional sexta. Era umha volta bem comprida, mas havia que passar por Guitiriz, e isso era maravilha! Nas lembranças de infância sempre há umha cantiga de berço, umha bronca grande que che dérom, um cheiro a armário da avó, e, talvez, um sabor. Neste último ponto estará sempre a torta de milho de Guitiriz. Fazia-me graça até o nome. Na Marinha dizemos maíz, e nom milho, que som cousas diferentes, mas isto dá para um debate linguístico de mil caracteres, e estamos na secom que vai de comer. A cousa é que rimava tam bem "a torta de maíz de Guitiriz", que ficou na memória mesmo antes de comê-la. E depois de experimentá-la, nom há jeito de a esquecer. Para quem nunca a comera, é preciso dizer que se trata dum biscoito com mi-ga apertada e tenra, característico da manteiga. Aliás, vem com lenda: Ao parecer, no lugar do Boedo, havia umha vila pola que passou a Sagrada Família inteira: criança, pai e mai, mas há ver-



sons que falam só da virgem, fazendo umha destas viagens provatórias da lealdade do género humano, e dim que a torta foi um milagre dela. Neste conto, a virgem aparece sozinha, procurando um lugar onde passar a noite. Na aldeia nom a querem, mas umha mulher pobre, que vive com os filhos numha casa afastada, dá-lhe abrigo, finalmente. Nom tenhem para comer, mas a virgem assinala à humilde mulher que talvez poda fazer umha torta com a cinza da lareira. E, milagre, a cinza nom só ligou a

.....
Conta-se que a virgem
mandou fazer a torta
com a cinza da lareira
.....

massa com a água, senom que se tornou milho... et voilà! Mas a cousa nom acabou aí, porque se há prémio para uns, há castigo para os outros. Em toda a noite nom deixou de chover, e à manhã seguinte a aldeia tinha desaparecido baixo a água. Toda? Nom, a casa da mulher pobre estava em

pé, e o mundo conhecia a receita de doce mais rica do idem. Desta volta a receita nom vai com cinza, mas é para um molde de coroa -é característico o buraco central nesta torta-, de 8 cm. de ancho, e 7 de profundidade. Devemos procurar manteiga de vaca cozida (150 gramas), que nom há ser difícil, mas se nom a encontrarmos, deveremos clarificar a comprada. Para isto, precisamos 200 gramas de qualquer marca comercial, a lume lento, até derreter. Depois, retira-se-lhe a espuma branca e deixamos que arrefeça e solidifi-

que na geladeira. Podemos fazer esta operação o dia antes. Vamos precisar 110 gramas de farinha de trigo de força; 110 gramas de farinha de milho; 6 ovos -ou 8, dependendo da forma-; 200 gramas de açúcar, mais um pouco para deitar por riba; 10 gramas de fermento; a raladura dum limom, um pouco de anis -opcional-; e umha pitada de sal. Começamos a preparação misturando a manteiga a temperatura ambiente com o açúcar, a raladura do limom e o anis. Bate-se com as varilhas até que se faga umha massa homogénea, acrescentam-se os ovos, um a um, até que li-guem com a massa e o sal. Devemos acrescentar aos poucos as farinhas tamiçadas com o fermento, e misturar até que nom fiquem gromos. Finalmente, deitamos a mistura na forma com um pouco de açúcar por cima antes de o meter no forno. Este deverá estar preaquecido a 180° durante 30-35 minutos, com a placa inferior e o ar. A receita foi tirada da mui recomendável página <http://cachiodoce.blogspot.com.es>, onde se podem encontrar umha cheia de doces tradicionais galegos.

ENTRELINHAS

PRESTIGE: TAL COMO FOI, TAL COMO FOMOS

PEPE ÁRIAS / Um dos momentos de maior comoção e, ao mesmo tempo, de capacidade de reação e de criatividade na rua, foi o afundimento do Prestige e o nascimento do movimento Nunca Máis. Passárom dez anos já, e parece ontem quando umha maré de dignidade coletiva e de auto-organização para limpar as praias perante a incapacidade mostrada polos governos central e autonómico apareceu de forma transitória na nossa sociedade. Foi umha implossom social como aquelas que aparecem nos livros de história sobre os grandes momentos, ainda que parece que, como já tem acontecido com outros, esse nós coletivo que pensa

e quer outra realidade tampouco foi quem de impor-se e constri-la.

O relato do jornalista Xosé Manuel Pereiro é indiscreto. Porque analisa as mentiras do poder, as falsidades do senhor "de los hillos" do qual ainda nom nos podemos liberatar. Dos nomes que aparecem nesse juízo-farsa onde se julga um velho capitam de barco grego e nom os donos da mercadoria e da própria nave, camuflados entre várias corporações internacionais colocadas estrategicamente em paraísos fiscais para nom ter que dar contas de absolutamente nada. Com o seu habitual humor acedo, o autor do livro apresentado na coleção Xornalistas de 2.0 Editora recompom



muitos elementos que apenas permaneciam no nosso subconsciente e que fam que pensemos

nesse dia e em todos aqueles infames que se passeárom por este país. Destaca o velho propagandista do aznarato Alfredo Urdaci, a quem a jornalista Letizia Ortiz ajudava a escapar de galegos e galegas dispostos a entrometer-se diante das mentiras da TVE. Ou o recentemente beatificado Manuel Fraga, que pretendia solucionar o problema a zambombazos porque foi mediante a violência durante a ditadura como se permitiu eternamente da Cidade da Cultura. Ou também ao valente alcalde de La Coruña que jurou impedir a entrada do Prestige na ria, o qual teria ajudado bastante a solucionar a situação.

O livro de @sihomesi é umha

reconstrução imprescindível dos acontecimentos contados com rigor, umha bateria de argumentos contra o silêncio que nos fam perguntar se isso da memória histórica é umha pílula para nom esquecermos o que nos fam. Falta para mim umha parte essencial: a história militante destes acontecimentos, como se configurou a raiva contra a maior agressor ecológica à nação galega que se recorda desde sempre, e a principal pergunta: como e porque essa gram dose de inteligência, essa gram dose de dignidade nom chegou demasiado longe.

Pereiro, XM Prestige: *Tal como foi, tal como fomos*. 2.0 Editora, Ames, 2012.

QUE FAZER

16.04.2013 / MERCADO 'ENTRE LUSCO E FUSCO' / 19:00 no Parque de Belvis. COMPOSTELA

Todas as terças-feiras. Inclui 'Espaço de Troca' de diferentes objetos, roupa, etc.

17.04.2013 / APRESENTAÇÃO DA NOVELA 'GALIZA MUTANTE: PODER NUCLEAR' / 19:30 no C. Sociocultural O Ensanche (Frei Rosendo Salgado 14-16). COMPOSTELA

Editada entre Urco e Contos Estraños e escrita por Tomás González Ahola.

17.04.2013 / PROJEÇÃO DE OURO AZUL, A GUERRA DA ÁGUA / 20:00 na A.VV. A Xuntanza (Corredoira das Fráguas, 37). COMPOSTELA

No ciclo 'Conhecer para Cambiar' da associação vicinal, Verdegaiá e Amarante.

17.04.2013 / PROJEÇÃO DE SOBIBÓR, 14 DE OUTUBRO DE 1943, 4 DA TARDE, DE CLAUDE LANZMANN / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA

Organiza o Cineclub de Compostela. VOSG.

18.04.2013 / PROJEÇÃO DE TOUT VA BIEN / 20:00 no C.S. A Revira (Rua Gonzalo Gallas, 4). PONTE VEDRA

No programa do cineclub de Liga Estudantil Galega.

19.04.2013 / DEBATE 'CARA ONDE IMOS? PROPOSTAS E SOLUÇÕES DESDE GALIZA PARA SAÍRMOS DA CRISE' / 20:00 na Biblioteca Municipal (Avenida de Ourense, 8). MARIM

Organiza o Coletivo Nacionalista de Marim. Participam Anova, BNG, Causa Galiza-CCPI, Movimento pola Base, Nós-UP e PCPG.

19.04.2013 / APRESENTAÇÃO DE 'LETRAS DE AMOR E GUERRA' / 20:00 na livraria À Lus do Candil (Rua Historiador Vedia, 3). ARTEIJO

Com a presença do autor, Ramiro Vidal Alvarinho.

19.04.2013 / GRUPO DE ESTUDOS / 21:30 no C.S. Mádía Leva (Rua Serra de Ancares, 18). LUGO

Sobre 'A crise do dinheiro'. Ceia e debate.

20.04.2013 / PROJEÇÃO DE VÍDEO E CHARLA-COLÓQUIO 'OUTRA BANCA É POSSÍVEL' / 19:30 na Taber-tenda (Rua Ponte Vedra, 2). SALZEDA DE CASELAS

Organiza a A.C.D.E. Treze Catorze. Com a presença de membros de Fiare.



REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

Ferrol, Corunha e Lugo comemoram a "queda do fascismo" em Portugal no 25 de abril

Diferentes coletivos preparam festas e atividades para comemorar a Revolução dos Cravos, que rematou com a ditadura salazarista em Portugal.

O centro social Mádía Leva (Rua Serra de Ancares, 18) de Lugo prepara umha festa de homenagem no dia 25. Os conteúdos e horários estão ainda por confir-

mar, publicaram-se no blogue da associação <http://agal-gz.org/blogs/index.php/madialeva/>.

O Ateneu Ferrolano celebra um ato "poético-musical" na sua sede (Rua Madalena, 202-204), em Ferrol. Será o dia 26 de abril desde as 20:00.

Na Corunha, o centro social Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 -

Monte Alto) organiza um concerto de balde com o fadista português Rui Oliveira. Será no dia 25 desde as 21:00. Ao dia seguinte, desde as 22:00, haverá umha festa com música portuguesa e petiscos, também de balde. Com estes atos a associação também comemora os cinco anos de vida do centro social.



EM COMPOSTELA

Jornadas sobre marxismo

O sábado, 20 de abril, celebram-se em Compostela as XVII Jornadas Independentistas Galegas de Primeira Linha. Levam por título 'Karl Marx 1883-2013 Tomar o céu por assalto' e arrancam às 11:00 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21).

As jornadas estão protagonizadas pola análise e reivindicação da figura de Marx e nelas intervinhem o filósofo Jean Salem, a militante Nines Maestro, o membro das CUP Joan Teran e Silvestre Lacerda, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Portugal).

20.04.2013 / CEIA BRETEMOSA / 22:00 no C.S. O Fresco (Bairro da Ponte). PONTE-AREIAS

Para arrecadar fundos para o Festival das Brétemas; concertos de Satxa na Leira e Yemet.

20.04.2013 / FESTIVAL ANTROSPINOS MIÚDO / 22:00 no Campo de Arriba. RIANJO
Atuam Família Caamagno, Ultraquans e Os tres trebóns. Ao rematar pinchará Bigote Mix. Há mais atividades de tarde.

23.04.2013 / PROJEÇÃO DE O MAQUINISTA DA GENE-RAL / 19:30 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL

No Ciclo de Cinema do Ateneu.

24.04.2013 / PROJEÇÃO DE TORRE BELA, DE THOMAS HARLAN / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA

Organiza o Cineclub de Compostela. VOSG.

24.04.2013 / PALESTRA 'A CRISE DO ESTADO E ESTRATEGIAS SOBERANISTAS' / Hora por confirmar no C.S. Mádía Leva (Rua Serra de Ancares, 18). LUGO

24, 25, 26 e 27.04.2013 / VI SEMANA DE POESIA SELVAGEM / Diferentes espaços. FERROL

O programa completo está na sua página web: <http://www.poesiasalvaxe.com/>.

25.04.2013 / PROJEÇÃO DE A BATALHA DE ARGEL / 20:00 no C.S. A Revira (Rua Gonzalo Gallas, 4). PONTE VEDRA

No programa do cineclub de Liga Estudantil Galega.

26.04.2013 / CONCENTRAÇÃO POLA LIBERDADE DOS PRESOS INDEPENDENTISTAS / 20:00. LUGO, OURENSE, VIGO E COMPOSTELA
As últimas sextas-feiras de cada mês. Informação em <http://www.ceivar.org/>.

27.04.2013 / RECITAL ROSALIANO DE A PORTA VERDE / 20:00 na Casa Museu de Rosalia (A Matança, s/n). PADROM

Organiza A Porta Verde do Sétimo Andar.

27.04.2013 / CEIA-CONCERTO COM TINO BAZ E O SON DA TRIGA / 22:00 na Casa da Cultura (Rua Rainha Dona Urraca, s/n). SALVATERRA DE MINHO

Organiza a SCD do Condado a benefício do Festival da Poesia.

27.04.2013 / FOLIADA / À tardinha no C.S. Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 - Monte Alto). CORUNHA

Com petiscos de graça. Todos os últimos sábados de mês.

27 e 28.04.2013 / JORNADAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL / 09:00 no CEIP Apóstolo Santiago (Rua Betanços, 55). COMPOSTELA

Organiza a Associação de Técnicas Superiores em Educação Infantil e a escola Semente.

Mais informação em <https://sites.google.com/site/ixornadasobreeduccioninfantil/>.

28.04.2013 / ROTEIRO POLO CEBREIRO (ANCARES) / 09:00 frente à Faculdade de Magistério (Avenida de Ramón Ferreiro). LUGO

Organiza Adega.

28.04.2013 / PROJEÇÃO DE O SENTIDO DA VIDA / 19:30 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL
No Ciclo de Cinema do Ateneu.

03.05.2013 / VENRESPIRAR / 22:30 na Cafeteria da Biblioteca (Cámpus Universitário). OURENSE

Festa tradicional itinerante. Organiza A.C. Algaravia.

06, 07 e 08.05.2013 / CURSO DE CLOWN / 16:00 no local do Coletivo Terra (Rua Boa Vista, 8). PONTE D'EUME

Ministrado polo grupo teatral Niumpaloal'Arte. Inscrição em colectivoterra@gmail.com.

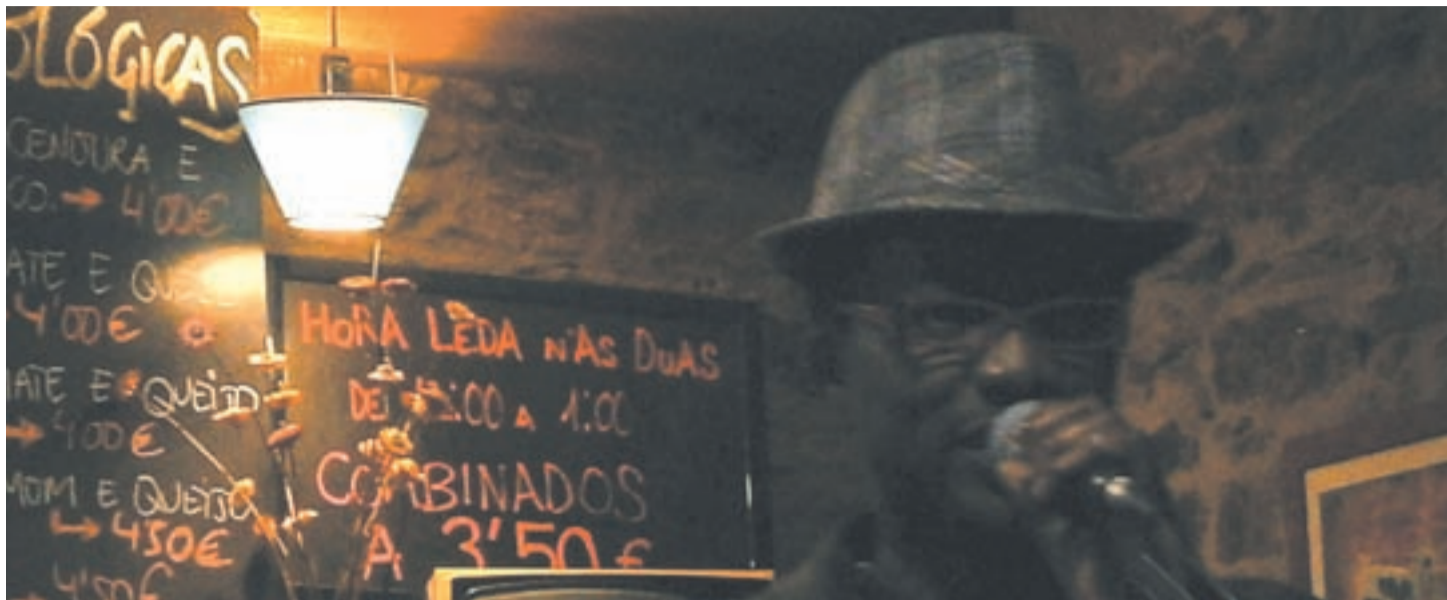
10, 11 e 12.05.2013 / REPERKUSIÓN / Toda a jornada na Cidade dos Muchachos (Bemposta). OURENSE

Concertos de Manu Chao, Fermín Muguruza, e outros artistas; passa ruas, obradoiros e mais atividades. Mais informação em <http://www.reperkusion.com/>.

11.05.2013 / FOLIADA FESTA DA LÍNGUA / 21:30 no Multiusos (Rua Serra de Ancares, 18). MARIM

As pessoas que saiam tocar estão convidadas à ceia.

ENVA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.



Xurxo Borrazás

INDEPENDÊNCIA?

Quando umha força política afirma ser partidária do estado próprio, e tanto no BNG como em Anova já o tenhem feito, é de supor que o posicionamento é algo mais que um gesto. Dizer que se está pola independência nom é dizer que se prefere a limonada antes que a laranjada. A diferença entre a integraçom na Espanha e a independência é umha mudança qualitativa de tal calibre que condiciona toda a açom política. Se somos partidários da independência... *a independência é a questom.*

Agora bem, o novo status político nom há chegar só, cumpre dar passos para alcançá-lo e para que a declaraçom solene da aspiraçom nacional nom se veja como estratégia partidista, como quem solicita requalificar um solar seu ainda que non tenha pensado construir nele, porque aumenta o seu valor ou como um brinde ao sol. Se dizemos ser vegetarianos vai ser visto como raro que comamos carne e peixe a diário. Isso entende-se, nom?

Um dos passos a dar seria trabalhar no estado e nos foros internacionais para que seja reconhecido o exercicio do direito de autodeterminaçom. Outro seria explicar a justiça, a lógica e as vantagens do estado próprio, se se quer com discursos mas também com gráficas de dados. Igualmente seria oportuno que cada debate político maior se enfocasse de agora em diante baixo o prisma do objetivo da independência. E ainda outro passo seria definir o marco legal do projeto e estabelecer calendários

A nível prático, para o ano 2014 é anunciado o referendo de Catalunha. Que ao pior nom se fai, mas o simples fato de ser projetado já tem valor. E se é feito... que vamos fazer nós esse dia? Vê-lo na televisom? Porque nom propomos a nossa consulta e obrigamos a que nos digam que nom e por que? Porque nom o fazemos coincidir com o referendo da Escócia, que sim vai ser realizado, para que o PP nos explique por que na tradicional Gram Bretanha, paradigma da democracia parlamentar, o seu partido irmao dos tories e a Câmara dos Lords dim que na Escócia *si se pode* e aqui eles dim que *nem de brincadeira*? Já ouço que a nossa proposta seria um fracasso. Quem dijo que fosse ser um êxito?

PAULO ALEXANDRE, MONOLOGUISTA E ATOR

“Gosto de ouvir as avós galegas porque falam mui parecido ao português de Angola”

RAUL RIOS / Muitas vezes pensamos na língua galega como um instrumento que nos abre possibilidades noutros países de fala lusófona, mas raras vezes reparamos em que, para muitas pessoas, o português também é um instrumento para viver na Galiza. Paulo Alexandre é uma dessas pessoas.

Como chegas a Galiza?

Primeiro estive em Portugal, onde estudei e trabalhei na construção. Ali conheci uma rapariga galega que me convidou a vir para a Galiza trabalhar como um rei. Eh pá! Eu encantado. Mas quando cheguei era para fazer de rei Baltasar.

Num tempo, a rapariga, que era minha namorada, arranjou-me um emprego numa granja de porcos. Mais tarde comecei a dedicar-me ao mundo artístico e comecei a trabalhar de servidor, frente ao público. Fiz um curso de teatro no Espazo Aberto de Sam Pedro e comecei a trabalhar com a companhia Cámara Ditea. Mais tarde participei no programa Land Rover da TVG fazendo humor e fiz alguma curta-metragem e longa-metragem.

Recentemente terminei um documentário que fala para o Brasil em termos linguísticos: há que reparar em que afinal, um galego, um angolano e um brasileiro entendemo-nos perfeitamente. Há que dar a conhecer a língua galega no mundo porque tem muito a ver com o português igual que o português tem muito a ver com o galego.

É raro ver presença lusófona na TVG

Eu fiz os meus sketches em galego, o público era galego, e todo

o mundo me entende perfeitamente.

A situação é complicada para qualquer imigrante e o cenário da cultura também é precário. É mais difícil dedicar-se a isto sendo imigrante?

É. Eu comecei a trabalhar na hotelaria, Compostela é uma cidade universitária e portanto há muito bar. Mas o mundo artístico nom é fácil para um imigrante. Tive sorte com determinadas coisinhas que fui fazendo, vou enviando os meus currículos a produtoras, mas nom é fácil.

Como se faz humor em Angola? Em Galiza temos a retranca.

Há determinadas expressões que nos custa entender aos imigrantes. Atendendo à vossa cultura, por razões históricas, os galegos são muito desconfiados e por isso tenhem a retranca. Existe essa realidade cultural fruto dessa história, mas a nós toca-nos outra.

Muda muito a maneira de fazer humor em Angola?

É um bocado diferente. Vai um exemplo: Na década de 80 e 90, a juventude angolana começou a emigrar para Portugal e a maioria trabalhava na construção. Na hora de comer -que nós chamamos “almorço” e aqui é o contrário, o nosso almoço é o

A sua ferramenta de trabalho é a palavra. Conhecido por fazer monólogos na zona velha de Compostela, também é ator de teatro e televisão. Encontro com ele no bar As Dúas, onde vai atuar numa festa solidária com o seu amigo Paterne, um senegalês multado por não ter “papeis”.

“jantar”- havia umha separaçom: Os angolanos de uma banda e os portugueses da outra. Que é o que aconteceu? Um dos portugueses, enquanto comiam a sopa, viu um angolano a comer a carne, mas também o osso da carne. O português foi perguntar ao angolano: “Se tu aqui estás a comer os ossos da carne, lá na Angola, que é o que comem os cães?”. O angolano, após olhar os portugueses, respondeu: “Lá na Angola os cães comem sopa”.

Além do português, em Angola falam-se mais línguas.

No meu país há entre oito línguas nacionais. Mas a língua oficializada é o português. Eu falando português estando na Galiza, torna-me mais doada a comunicação. Fum criado em português.

No norte de Angola falam kimbundu, no sul falam umbundu, e em vários pontos de Angola falam-se outras línguas que tenho que confessar que não sei porque emigrei logo para Portugal, depois para a França, para o Brasil e, por último, para aqui.

Que status crês que deveriam ter todas essas línguas?

Acho que, como acontece na Galiza, que dá a conhecer a língua galega no mundo, no meu país as línguas nacionais deve-

riam ser reconhecidas e também dar-se a conhecer, porque som línguas nacionais e isso está bem conservá-lo. Os portugueses levaram a Igreja católica para Angola e colonizaram-nos com a sua língua, mas as línguas verdadeiras de Angola som o kimbundu e o umbundu, entre outras. O português é uma língua implantada. Em termos de comunicação estamos contentes, podom viver na Galiza falando português e sou perfeitamente entendido.

Quando vou almoçar às casas dos meus amigos na aldeia, as suas avós, após servirem a comida, sempre perguntam: “Paulo, queres um pouco de molho?”. Nós em Angola falamos “molho”, na Galiza falam “molho” as avós, mas as novas gerações empregam o castelhano “salsa”. Isso não é galego. Encanta-me ouvir as avós porque falam um galego mais parecido ao português de Angola.

A gente gosta mais da tua forma de falar quando fazes um monólogo?

A gente gosta mais quando falo português, que tem mais a ver com o galego antigo. Estamos na Galiza e a gente está contente de ouvir galego numa pessoa de fora como eu. Muita gente fica surpreendida de que um imigrante fale galego!